NOWTHEENDBEGINS.COM

O INFERNO EXISTE

Provas e Exemplos
Pelo Servo de Deus
Padre André Beltrami (Salesiano)

Escola Industrial Dom Bosco – Niterói
3ª edição – 1945

PREFÁCIO DO AUTOR

Nos nossos dias, mais que em outros tempos, é necessário lembrar aos cristãos a existência do inferno, já que muitos vivem como se as verdades da Fé não existissem.

O pensamento do inferno foi sempre fecundo de generosas resoluções. Quantos abandonaram o pecado e se entregaram de corpo e alma à prática da virtude, meditando naquelas chamas devoradoras, naqueles tormentos horríveis que a língua humana não pode exprimir! O padre Mestre Ávila converteu uma senhora toda entregue aos pecados e às vaidades do mundo pondo-lhe diante o terrível sempre e o terrível nunca, sempre sofrer, nunca um instante de alívio. Por isso, suplico ao bom leitor que, depois de ter lido este opúsculo, o faça ler aos seus parentes e amigos que vivem afastados de Deus, esquecidos da sorte infeliz reservada aos ímpios na outra vida. Quem sabe se o pensamento das chamas eternas não suscite em seus corações um temor salutar que os determine a mudar de vida! Pode bem ser que os exemplos narrados contribuam para avivar em seus corações a fé, já extinta! E se unirem também as suas orações para tal fim, estou certo de que Nosso Senhor lhes tocará o coração e eles voltarão às práticas da religião que abandonaram.

Na compilação deste livrinho, valí-me especialmente dos trabalhos de Monsenhor Luiz Gastão, Ségur e do Padre Francisco Xavier Schuppe, que tão egregiamente trataram desse assunto.

Deus, o qual protesta não querer a morte do pecador, mas que se converta e viva, abençoe meu pobre trabalhinho e faça de maneira que sirva para a conversão de tantos transviados e os afaste do caminho da perdição. Jesus Cristo os estreitará cheio de alegria ao seu Sacratíssimo Coração, como já fez um dia com o filho pródigo, e os Anjos farão festa e celebrarão com cânticos de alegria o seu retorno à casa paterna.

Turim-Valsálice
Seminário das Missões - junho de 1897.

CAPÍTULO 1

A REVELAÇÃO DIVINA DEMONSTRA A EXISTÊNCIA DO INFERNO

Não há verdade tão inculcada na Sagrada Escritura como a da existência do inferno. Escritores inspirados falam dele continuamente, para que os homens, horrorizados com as penas que aí se sofrem abandonem o vício e se dêem à prática da virtude.

Os protestantes, que de nossa santa religião negaram quase todas as verdades mais difíceis de crer e praticar não souberam desfazer-se do dogma do inferno, pelo fato de ser freqüentemente recordado nas Sagradas Letras. Por este motivo, uma senhora católica, importunada por dois ministros protestantes a passar para a reforma, saiu-se com esta sensata resposta:- "Senhores, fizestes na verdade uma bela reforma, suprimistes o jejum, a confissão, o purgatório; infelizmente, porém, conservastes o inferno. Tirai também este e eu serei dos vossos."

Para não multiplicarmos as citações, deixaremos o Antigo Testamento e viremos logo ao Evangelho, para ouvir a palavra de Jesus Cristo, que por bem quinze vezes proclama este lugar de tormentos. E para causar em nós um temor salutar e dar-nos uma idéia justa do inferno, Ele o chama *fogo inextinguível, trevas exteriores, onde haverá pranto e ranger de dentes, lugar de tormentos, fornalha de fogo, geena de fogo.*

A geena era um vale perto de Jerusalém, onde alguns maldosos hebreus apóstatas de sua religião, sacrificavam a Moloc os tenros filhos, expondo-os antes ao fogo. O piedoso rei Josias, para abolir esse bárbaro costume, fez aterrar o vale, ordenando que se lançasse aí a imundície da cidade e os cadáveres aos quais fosse negada a sepultura; e como medida profilática, conservava-se sempre aceso o fogo. O nosso Divino Salvador, para tornar mais sensível a idéia do inferno, tomou a imagem desse vale, que os hebreus abominavam, dando-lhe precisamente o nome de geena.

Na parábola do rico Epulão, tão fecunda de ensinamentos, e que é tão importuna aos ricos gozadores do mundo, Jesus nos ensinou que o mau uso das riquezas conduz inevitavelmente ao inferno, enquanto as dificuldades e as privações suportadas por amor de Deus levam ao lugar de eterna felicidade.

" Havia um homem rico, que se vestia de púrpura, e de linho e que todos os dias se banqueteava esplendidamente. Havia também um mendigo, chamado Lázaro, o qual coberto de chagas, estava deitado à sua porta, desejando saciar-se com as migalhas que caíam da mesa do rico, e ninguém lhas dava; mas os cães vinham lamber-lhe as chagas.

" Ora, sucedeu morrer o mendigo, e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão. Morreu também o rico, e foi sepultado no *inferno*. E, *quando estava nos tormentos*, levantando os olhos, viu ao longe Abraão, e Lázaro no seu seio; e, gritando, disse:

- Pai Abraão, compadece-te de mim, e manda a Lázaro que molhe em água a ponta do dedo, para refrescar a minha língua, pois sou atormentado nesta chama. E Abraão disse-lhe:

- Filho, lembra-te que recebeste os bens em tua vida e Lázaro, ao contrário, males por isso ele é agora consolado e tu és atormentado. E, além disso, há entre nós e vós um grande abismo; de maneira que os que querem passar daqui para vós não podem, nem os de aí passar para cá. E disse:

-Rogo-te pois, ó pai, que o mande a casa de meu pai. Pois tenho cinco irmãos para que os advirta disto e não suceda virem também eles parar a este lugar de tormentos. E Abraão disse-lhe:

-Têm Moisés e os profetas; ouçam-nos. Ele, porém, disse: Não, pai Abraão, mas se algum dos mortos for ter com eles, farão penitência. E ele disse-lhe: Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tão pouco acreditarão ainda que ressuscitasse alguns dos mortos". (S. Lucas, XVI, 19-31).

Eis aí descrito com vivas cores aquele reino de dor, onde um fogo abrasador e horrível atormentará sem um instante de trégua o mísero condenado: uma gota, só uma gota de água pedia o Epulão para mitigar os ardores insuportáveis da sede, e essa gota foi-lhe negada sem dó!

Ai! quem de vós, branda aos ímpios o Profeta Isaías, cheio de espanto, quem de vós poderá habitar nesse fogo devorador? nesses ardores sempiternos?

Ao final da parábola, acena-se à repugnante incredulidade de tantos infelizes que vivem engolfados nos vícios, não fazendo caso das verdades eternas, nas quais não creriam nem mesmo se aparecesse algum réprobo para lhes atestar a existência do inferno. Qual não será o seu desespero ao verem-se um dia sepultados naquele abismo de tormentos, sem a mínima esperança de saírem de lá?

Alhures, Jesus Cristo descreve o juízo universal que ele fará no fim do mundo, e a sentença de eterna condenação que pronunciará contra aqueles que não praticarem as obras de misericórdia para com os seus irmãos, e que serão precipitados no fogo inextinguível, preparado para o demônio e seus sequazes. Quanto temor não causa à alma a consideração deste trecho do Evangelho!

Ah! se os libertinos, que negam com tanto atrevimento a vida futura, refletissem um pouco, certamente mudariam de vida! Fruto dessa meditação foi aquela poesia tão sublime do *Dies irae*, que é o gemido de uma alma toda compenetrada do terror do juízo divino e da sorte eterna que a espera depois.

"Quando vier o Filho do homem na sua majestade, e todos os anjos com Ele, então se sentará sobre o trono da sua majestade, e serão todas as gentes congregadas diante dele, e separará uns dos outros como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. E porá as ovelhas à sua direita, e os cabritos à esquerda.

"Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: Vinde benditos de meu Pai, possuí o reino que vos está preparado desde o princípio do mundo; porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era peregrino e recolhestes-me; nu, e me vestistes; enfermo, e me visitastes; estava no cárcere e fostes visitar-me. Então lhe responderão os justos, dizendo: Senhor, quando é que nós te vimos faminto e te demos de comer; sequioso e te demos de beber? E quando te vimos peregrino, e te recolhemos; nu, e te vestimos? Ou quando te vimos enfermo, ou no cárcere e fomos visitar-te? E, respondendo o Rei, lhes dirá: Na verdade vos digo que todas as vezes que vós fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes. Então dirá também aos que estiverem à esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, que foi preparado para o demônio e para os seus anjos; porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber; era peregrino, e não me recolhestes; nu, e não me vestistes; enfermo e no cárcere e não me visitastes.

Então eles também lhe responderão, dizendo: Senhor, quando é que nós te vimos faminto, ou sequioso, ou peregrino, ou nu, ou enfermo, ou no cárcere, e não te assistimos? Então lhes responderá, dizendo: Na verdade vos digo: todas as vezes que o não fizestes a um destes mais pequeninos, a mim não o fizestes. E estes irão para o suplício; e os justos para a vida eterna". (São Mateus, XXV, 31-,46).

E para tornar entre o povo mais familiar, diria quase visível o pensamento do inferno, usa a comparação dos rebentos e da videira.

"Eu sou a videira e vós os rebentos. O que permanece em mim e eu nele, esse dá muito fruto, porque, sem mim, nada podeis fazer. Se alguém não permanecer em mim, será lançado fora como o rebento, e secará, e enfaixa-lo-ão, e o lançarão no fogo, e arderá." (São João, XV, 5-6).

Falando depois, dos escândalos, o nosso bendito Salvador, de ordinário cheio de doçura e mansidão toma um tom terrível e os ameaça de condenação eterna.

"Ai do mundo por causa dos escândalos! Porque é necessário que sucedem escândalos; mas ai daquele homem pelo qual vem o escândalo! E, se a tua mão te escandalizar, corta-a; melhor te é entrar na vida manco, do que, tendo duas mãos, ir para o *inferno, para o fogo inextinguível, onde o seu verme não morre, e o fogo não se apaga*.

E se o teu pé te escandaliza, corta-o; melhor te é entrar na vida eterna coxo, do que, tendo dois pés, ser lançado no *inferno, num fogo inextinguível, onde o seu verme não morre, e o fogo não se apaga*.

"E se o teu olho te escandaliza, lança-o fora; melhor te é entrar no reino de Deus sem um olho, do que tendo dois, ser lançado no *fogo do inferno, onde o seu verme não morre, e o fogo não se apaga*. Porque todo o homem será salgado pelo fogo, e toda vítima será salgada com sal". (S. Marcos, IX, 42-48).

Santo Tomás explica que esse *verme que não morre* é o remorso da consciência, que para sempre há de atormentar o condenado no inferno; remorso pelo grande bem que perdeu ele que tinha tantos meios de se salvar.

A expressão será salgado pelo fogo significa que, assim, como o sal conserva as coisas, assim o fogo, no qual os condenados serão imersos, ao mesmo tempo que crucia atrozmente, os conserva sempre em vida. Aí o fogo consome, diz S. Bernardo, para conservar sempre. Neste trecho faz-se alusão manifesta aos sacrifícios legais que os hebreus tinham sempre diante dos olhos, e onde estava prescrito que se aspergisse com sal a vítima que era oferecida a Deus: na verdade, os condenados são como vítimas da divina justiça.

Eis como Jesus Cristo, prevendo os assaltos que os incrédulos e libertinos dariam ao dogma do inferno, o proclama continuamente no Evangelho. Quanto a nós, permaneçamos inabaláveis em nossa crença, certos da existência do inferno, como da existência do sol, da lua e das outras coisas que nos rodeiam. Deus no-lo revelou e ensina por meio da Igreja, e a palavra de Deus não falha.

CAPÍTULO II

A RAZÃO HUMANA CONFIRMA A EXISTÊNCIA DO INFERNO

Quem são afinal, os que negam a existência do inferno? Talvez pessoas honestas? Ao contrário! São os libertinos que espezinham todo o ditame da consciência para viverem à solta, aqueles aos quais repugna crer em Deus vingador, por bem saberem que merecem seus castigos. Mas, conseguem eles persuardir-se que não há uma justiça que vela sobre os homens, e que punirá seus pecados? Jamais! Enquanto negam com os lábios a existência do inferno, sentem no âmago da consciência o remorso e uma voz que lhes anuncia terrível vingança.

O próprio Voltaire, o corifeu da impiedade, não conseguiu convencer-se de que não há nada depois do túmulo; tanto assim que, quando adoecia gravemente, apressava-se em chamar o padre para se retratar de suas máximas tão ímpias!

Deus imprimiu em nosso coração noções imutáveis de justiça, e a idéia de um prêmio à virtude, de um castigo ao vício.

Certo ímpio se vangloriava, numa roda, de não acreditar no inferno; entre os que o ouviam estava um homem de bom senso e modesto, mas que julgou seu dever tapar a boca ao estulto interlocutor, e o fez com este simplicíssimo argumento:

- " Senhor, disse-lhe, os reis da terra têm cárceres para punir rebeldes; o Deus, Rei do universo, não há de ter cárceres para os que ultrajam a sua majestade? " O ímpio não soube que responder, pois o mesmo lume da razão lhe fazia ver que se os reis tem prisões, Deus deve ter um inferno.

Da negação do castigo e do prêmio na outra vida, seguir-se-ia que Deus não existe, ou se existe, não cuida dos homens; e não haveria nenhuma diferença entre virtude e vício, entre justiça e injustiça. Morre um ladrão, carregado de delitos, e morre um inocente que durante a vida praticou a virtude e fez bem ao próximo; quereis que tenham a mesma sorte?

Deus, infinitamente justo, não há de punir os crimes do primeiro e recompensar as boas obras do segundo? Morre São Paulo no deserto, depois de ter vivido quase um século de jejum de penitência, louvando e servindo a Deus; e morre Nero, depois de ter cometido toda espécie de crueldades; quereis que tenham igual sorte? Portanto, a mesma razão, o bom senso nos fala de um lugar onde serão castigadas as transgressões da lei divina.

Nem mesmo a eternidade das penas repugna aos ditames da reta razão.

Um dia, uma alma santa meditava no inferno, e considerando a eternidade dos suplícios, aquele terrível nunca e aquele terrível sempre, ficou bastante impressionada, porque não compreendia como se pudesse conciliar esta severidade sem medida com a bondade e outras perfeições divinas.

- Senhor, dizia ela, eu me submeto aos vossos juízos, mas, permiti-me, não sejais demasiado rigoroso.

- Compreendes, foi a resposta, o que seja o pecado? Pecar é dizer a Deus: não Vos obedecerei; pouco se me dá da vossa lei; rio-me das vossas ameaças!

- Vejo, Senhor, como o pecado é um monstruoso ultraje à vossa divina majestade.

- Pois bem, mede se podes a grandeza desse ultraje.

- Compreendo, Senhor, que esse ultraje é infinito, porque vai contra a majestade infinita.

- Não se exige então um castigo infinito? Mas como tal castigo não pode ser infinito quanto a intensidade, sendo a criatura limitada, requer a justiça que seja infinito ao menos quanto à duração: portanto, é a mesma justiça divina que exige o terrível sempre e o terrível nunca. Os próprios condenados serão obrigados a prestar homenagens, mau grado seu, a esta justiça e exclamar em meio aos tormentos: " Vós sois justo, Senhor, e retos os vossos juízos." [1].

Mas replicam os incrédulos, Deus é tão misericordioso que não castigará eternamente um pecado mortal só, o qual às vezes dura um instante. Que proporção há entre a breve duração da culpa e a eternidade da pena?

A isto respondemos, que a misericórdia não é nada contrária à justiça, a qual exige seja eternamente castigado o pecado de uma pessoa que tenha morrido impenitente; visto que o pecado de tal pessoa é de certo modo eterno, segundo a sua voluntária disposição presente, querendo morrer no pecado: o que merece uma pena eterna.

Até a justiça humana, imagem da justiça divina, castiga por vezes a falta passageira com a pena, a seu modo, eterna, como é o exílio perpétuo; de modo que, se o exilado vivesse sempre, para sempre seria banido da sua pátria.

E por que a divina justiça não poderá banir eternamente da pátria celeste um pecador impenitente, que por si mesmo se exclui dessa pátria, morrendo voluntariamente na impenitência final? De resto, eterno é o prêmio que Deus prepara a quem serve, e por isso eterno deve ser também o castigo para aqueles que se rebelam contra sua santa lei.

Afinal, quem somos nós que ousamos levantar a fronte e pedir a Deus a razão de seus justos decretos?

CAPÍTULO III

TESTEMUNHAS DE ALÉM- TÚMULO

Em sua infinita misericórdia, Deus, depois de haver revelado o dogma do inferno, tem permitido, de onde em onde, que alguma alma venha da eternidade para confirmar-nos a existência daquele lugar de penas. Tais aparições são mais freqüentes do que comumente se crê; e quando são atestadas por pessoas idôneas e fidedignas, tornam-se fatos inegáveis, que se admitem como todos os outros fatos da história. Apresso-me, porém, a declarar que não entendo trazer esses fatos como argumento principal e básico com que se demonstre e se estabeleça o dogma do inferno, porque este nos é demonstrado pela palavra infalível de Deus; narro tais aparições somente para confirmar e elucidar essa verdade, e como argumento de salutar meditação.

---

[1] [1](1) Justus es, Dómine, et rectum judícium tuum. (Salmo 118).

Monsenhor Ségur, no seu áureo opúsculo sobre o inferno narra três fatos, cada qual mais autêntico, acontecidos não faz muito.

*
* *

O primeiro, diz ele, sucedeu quase em minha família, pouco antes da terrível campanha de 1812, na Rússia. Meu avô materno, o Conde Rostopckine, governador militar de Moscou, era intimamente relacionado com o general Conde Orloff, tão valoroso, quão ímpio.

Um dia, após a ceia, o conde Orloff e um seu amigo, o general V ..., volteriano como ele, puseram-se a ridicularizar a religião e sobretudo o inferno:

- Mas..., disse Orloff, e se houvesse alguma coisa além do túmulo?

- Neste caso..., diz o general V..., o primeiro que morrer virá a avisar o outro; de acordo?

- Pois não, responde Orloff.

E ambos prometeram seriamente não faltar à palavra.

Algumas semanas após, desencadeou-se uma daquelas guerras que Napoleão sabia suscitar; o exército russo foi chamado às armas, e o general V... recebeu ordem de partir incontinente para um posto de comando.

Duas ou três semanas depois da partida de Moscou, quando meu avô se levantava, bem cedo, viu abrir-se bruscamente a porta do quarto e entrar o conde Orloff, com roupa de dormir, de chinelos, cabelo em desalinho, olhos esbugalhados, pálido como cera.

- Oh! Orloff vós aqui a esta hora? Neste traje? Que aconteceu?

- Meu caro, responde Orloff, eu perco a cabeça; vi o general V...

- Oh! Ele já voltou?

- Não, continua Orloff, atirando-se a um divã, não, não voltou, e é isto que me espanta.

Meu avô nada compreendia e procurava acalmá-lo.

- Contai-me, então, lhe disse, o que aconteceu e o que significa tudo isto.

Fazendo grande esforço para se acalmar, o conde Orloff contou o seguinte:

- Meu caro Rostopckine, não faz muito, o general V... e eu, juramos que o primeiro que morre-se, viria avisar o outro se há de fato alguma coisa além do túmulo. Ora, pela madrugada, enquanto estava tranqüilo na cama, acordado, sem pensar no amigo nem no juramento, abre-se de repente o cortinado do meu leito e vejo, a dois passos de mim, o general V... de pé, desfigurado, com a mão direita no peito, e me fala: " Existe um inferno, e eu lá estou..." e desapareceu. Na mesma hora corri até cá; eu perco a cabeça! Que coisa estranha! não sei o que pensar!

Meu avô tranqüilizou-o como pode: falou-lhe de alucinação, fantasia... que ele talvez estivesse dormindo... que às vezes dão-se casos extraordinários, inexplicáveis... E procurava persuadi-lo com outros meios termos, que apesar de nada valerem, servem para consolar os cépticos. Mandou preparar o coche e acompanhou o conde à sua casa.

Dez ou doze dias depois deste estranho acontecimento, um estafeta do exército comunicava ao meu avô, entre outras coisas, a morte do general V...

Naquela madrugada em que o conde Orloff o tinha visto e ouvido, o infeliz general, saindo a estudar a posição do inimigo, foi varado por uma bala e caiu morto.

" Existe um inferno, e eu estou lá..."

Eis as palavras de um que veio do outro mundo!

*

* *

O segundo fato é referido pelo mesmo autor, que o tem indubitável, como o precedente, pois o ouviu da boca de um respeitabilíssimo eclesiástico, superior de importante comunidade, o qual por sua vez, soube os pormenores mediante um parente da senhora, com a qual se deu tal fato. Naquele tempo, isto é, por ocasião do Natal de 1859, ela ainda vivia e contava pouco mais de quarenta anos.

Achava-se essa dama em Londres no inverno de 1847 e 1848; enviuvara aos 29 anos, era muito rica e muito amiga dos divertimentos mundanos. Entre as pessoas elegantes que freqüentavam a sua casa, notava-se especialmente um moço, cujas contínuas visitas a comprometiam não pouco e cuja vida estava longe de ser edificante.

Uma noite, a senhora lia não sei que romance para conciliar o sono. Ouvindo bater o relógio, apagou a vela e dispunha-se para deitar, quando percebeu, com grande assombro, que uma luz estranha e pálida vinha da porta do salão contíguo e espalhava-se a pouco e pouco no quarto, aumentando sempre. Não sabendo o que era, do pasmo passou ao medo; eis senão quando, viu abrir-se lentamente a porta do salão e entrar no quarto o jovem desregrado, o qual, antes que ela pudesse pronunciar palavra, aproximou-se, tomou-a pelo braço esquerdo, apertando-lhe fortemente o pulso, e com acento desesperado, lhe falou em inglês:

- Existe o inferno!

Foi tão grande o susto que a senhora perdeu os sentidos. Voltando a si, tocou nervosamente a campainha para chamar a criada, que a atendeu; entrando no quarto, esta sentiu logo um cheiro de queimado e chegando-se à ama, que com dificuldade articulava umas palavras pode ver que tinha ao redor do pulso uma queimadura tão profunda que a carne desaparecera e ficava à mostra o osso. Observou além disso, que da porta do salão até o leito e do leito à porta do salão estava impressa a pegada de um homem, que tinha queimado o pano de parte a

parte. Por ordem da ama, abriu a porta do salão, e notou que lá terminavam as pegadas no tapete.

No dia seguinte, a desditosa senhora soube com aquele medo que bem se compreende, que alta noite, o tal moço se embriagara com excesso, e transportado para casa, veio a morrer pouco depois.

`Ignoro, acrescenta o superior, se esta terrível lição tenha convertido a infeliz dama; o que sei é que ela ainda vive e para esconder aos olhares curiosos o sinal daquela sinistra queimadura, leva no pulso, à guisa de bracelete, um largo enfeite de ouro, que não deixa nem um dia, nem de noite. Repito que os particulares eu os tive da boca de um parente próximo, católico sincero, a cuja palavra presto fé. Os parentes não falam do ocorrido e é por isso que tenho o cuidado de ocultar o nome da família.

Apesar do véu, no qual esta aparição foi e deveu ser envolvida, não me parece, acrescenta Monsenhor Ségur, que se possa pôr em dúvida a formidável autenticidade.

*

* *

O terceiro fato ocorreu na Itália.

Em 1873, em Roma, alguns dias antes da Assunção, uma moça, bastante má, machucou uma das mãos. levaram-na para o Hospital da Consolação. Ou porque o sangue estivesse muito deteriorado ou porque sobreviesse grave complicação, a infeliz morreu naquela noite.

No mesmo instante uma de suas companheiras, que não sabia o que acontecera no hospital, pôs-se a gritar desesperadamente, a tal ponto que acordou toda a vizinhança e provocou a intervenção da polícia.

A companheira que morrera no hospital apareceu envolvida em chamas e lhe disse: -" *Estou condenada, e se não queres condenar-te também, sai deste lugar infame e volta a Deus."*

Nada conseguiu acalmar a agitação da jovem, que bem cedo abandonou aquela casa, deixando a todos atônitos, especialmente depois de divulgada a notícia da morte da companheira, no hospital.

Aconteceu que, logo depois, a proprietária da casa, uma garibaldina exaltada, caiu doente, mandou logo chamar um padre, dizendo que queria receber os sacramentos. A autoridade Eclesiástica delegou para esse fim um digno sacerdote, Monsenhor Piroli, pároco de S. Salvador em Laura. Munido de especiais instruções, ele se apresentou e exigiu, antes de tudo, que a doente fizesse, perante testemunhas, plena retratação de suas blasfêmias e insultos contra o Sumo Pontífice e declarasse que afastaria as ocasiões de pecado.

Sem a menor hesitação, a infeliz promete e então se confessa e recebe o Sagrado Viático com grandes sentimentos de penitência e humildade.

Pressentindo o seu fim, a pobre mulher, com lágrimas nos olhos suplicou ao padre que não a abandonasse, amedrontada como estava por aquela aparição. Assim, teve a grande graça de ser assistida nos últimos momentos pelo ministro de Deus.

Toda a Roma conheceu logo os particulares desta tragédia.

Como sempre, os ímpios e os libertinos fizeram dela objeto de chacota, abstendo-se, à aposta, de obter oportunas informações; mas, de sua parte, os bons aproveitaram para se tornarem melhores e mais exatos no cumprimento de seus deveres.

CAPÍTULO IV

HORRENDOS SUPLÍCIOS DO INFERNO

Nenhuma língua humana é capaz de exprimir os tormentos atrozes daquele lugar de desespero. Como descreve aquele fogo medonho acesso pela ira de Deus? os remorsos cruéis que dilaceram o mísero preceito? a eternidade sem fim, com o terrível sempre e o terrível nunca?

Diz Santo Agostinho que o fogo da terra comparado com o do inferno, parece um fogo pintado; e o S. Vicente Ferrer diz que em confronto com aquele, o nosso é frio.

Gastemos embora páginas e livros inteiros falando do inferno, acumulemos males sobre males, sofrimentos sobre sofrimentos, desgraças sobre desgraças, chamemos em nosso auxílio as fantasias fecundas dos poetas, para idear penas atrozes, peçamos aos tiranos da História as torturas que inventaram para seviciar as suas vítimas e, apesar de tudo isso, chegaremos à conclusão de que infinitamente maiores são os suplícios do inferno.

*

* *

Santa Teresa foi um dia arrebatada em êxtase e levada ao inferno para ver o seu lugar, caso não se emendasse de certo defeito.

Ela mesma conta na sua autobiografia:

" Estando um dia em oração, fui transportada, sem saber como, em corpo e alma, ao inferno. Compreendi que Deus queria mostrar-me o lugar que ocuparia, se não mudasse de vida. Não tenho palavras que possam dar uma pequena idéia desse tormento incompreensível. Sentia em minha alma um fogo que me devorava e o corpo sofria dores insuportáveis. Durante minha vida passei por duros sofrimentos, mas, nem se comparavam com os que tive naquela ocasião; e ainda esses subiam de ponto, ao pensar que seriam eternos e sem o menor alívio.

Mas, apesar de as torturas do corpo serem atrozes, não tinham comparação com as agonias da alma. Ao mesmo tempo, sentia-me queimar e partir em pedaços, sofria todas as angústias da morte e os horrores do desespero.

Nem um raio de esperança e de consolação naquela moradia, aí se respira um odor pestilencial, que sufoca; nem um raio de luz, mas tudo são trevas da mais densa escuridão; contudo, oh! mistério, mesmo naquele escuro se distingue o que de mais penoso há para a vista.

Em suma, tudo o que ouvi dizer ou li sobre as penas do inferno é insignificante em confronto com a realidade; entre aquelas penas e estas há a mesma diferença que entre uma pessoa e o seu retrato. Ai! o fogo deste mundo por mais ardente que seja, é como o fogo pintado, comparado com aquele que atormenta os réprobos no inferno.

Há dez anos que tive esta visão, mas estou ainda agora tão espantada, que, enquanto escrevo, o medo gela-me o sangue nas veias. Em meio às provações e dores que tenho, trago à mente esta visão e de aí tiro força para tudo suportar " .

Até aqui a santa.

*

* *

Vicente de Beauvais, no livro 25 de sua História, refere o seguinte fato, acontecido pelo ano 1000.

Dois libertinos fizeram uma combinação: o primeiro a morrer viria à terra participar ao companheiro em que estado se achava. Morreu um deles, e Deus permitiu aparecesse ao amigo: era horrendo, parecia sofrer duramente e suava em bicas. Enxugou a fronte com a mão e deixou cair uma gota de suor no braço do companheiro, dizendo-lhe:

- Eis qual é o suor do inferno; dele terás um vestígio até a morte.

E assim foi, pois aquele suor infernal queimou-lhe o braço, penetrando na carne com dores inauditas.

Bom para ele que soube aproveitar-se de tão terrível lição e retirou-se para o convento.

*

* *

Em 1873, Nova Iorque foi teatro de um incêndio, cujas circunstâncias apresentam a imagem do inferno.

O circo Baunum foi assaltado pelo fogo; tigres, ursos, leões e outras feras foram queimadas vivas nas suas jaulas. À medida que o fogo se propagava, crescia o desespero das feras, sobretudo os tigres e ursos tornavam-se cada vez mais furiosos. Atiravam-se com supremo esforço, contra as grades, já incandescentes, da prisão, e eram rechaçados quais massas inertes, para de novo se arrojarem contra o insuportável obstáculo que os aprisionava.

Os rugidos dos leões, os urros dos tigres e o aulido das outras feras se misturavam formando um som pavoroso, que perecia reproduzirem aquele que devem ouvir os condenados no inferno.

Mas as notas deste tétrico concerto aos poucos foram-se enfraquecendo, até que, quando o leão soltou o último urro, ao medonho alarido sucedeu o silêncio da morte.

Imaginemos, agora, nestas jaulas de ferro candente, não feras, mas homens; e homens que em vez de morrerem no fogo continuam a viver, e teremos uma idéia do inferno, idéia, aliás, muito imperfeita.

*

* *

A história registrou, para perpétua execração, as truculências de alguns tiranos, que mais do que homens pareciam monstros.

Fálaris, tirano de Siracusa, confeccionou um touro de bronze para prender dentro os rebeldes e fazê-los morrer a fogo lento, aceso ao redor. Quem pode descrever os espasmos do supliciado? Gritava, debatia-se naquelas estreitas paredes, que se tornavam candentes, até exalar o último respiro entre aflições e tormentos indescritíveis! ... Todavia, essas penas terminavam; o condenado terá suplícios infinitamente maiores e por toda a eternidade.

Nero mandava que se cobrissem os corpos dos cristãos com piche e outros combustíveis, e depois, colocados nos postes, ao longo das alamedas, eram acendidos à tarde, para iluminar, enquanto ele passeava no coche, insultando-os barbaramente nos padecimentos.

Maxêncio amarrava as suas vítimas a cadáveres, rosto com rosto, tronco com tronco, membros com membros, e as deixava nesse horrível estado até que o mau cheiro das carnes corrompidas lhes acabasse com a vida.

Astiáges, rei da Arménia, condenou S. Bartolomeu Apóstolo a ser esfolado vivo.

Não menos horrível o suplício a que foi submetido o diácono S. Lourenço. Estenderam-no sobre uma grelha e por baixo espalharam brasas, de maneira que aos poucos fosse sentindo os ardores e mais longa e vivamente durasse o tormento. Cozida uma parte do corpo, voltaram-no do outro lado, para que cada membro tivesse seu sofrimento; e assim neste lento e atroz martírio, rendeu a alma a Deus.

São talvez esses os suplícios do inferno? Qual! apenas a sombra, uma pálida idéia.

*

* *

Fala-nos o Padre Nierenberg de um jovem que levava uma vida aparentemente cristã, mas odiava a um inimigo; e conquanto freqüentasse os Sacramentos, nutria para com ele sentimentos de vingança, que Jesus Cristo obriga depor.

Morrendo, apareceu ao pai, todo envolvido em chamas, e disse-lhe que se condenara por não ter perdoado ao seu inimigo, e chorando exclamou:

- Ah! se todas as estrelas do céu fossem como línguas de fogo, não traduziriam os tormentos que sofro.

*

* *

Os dois fatos seguintes se referem propriamente ao fogo do purgatório, mas não vêem fora de propósito, já que os teólogos afirmam que o mesmo fogo que atormenta os condenados no inferno, purifica também as santas almas do purgatório, e que o purgatório é um inferno temporário.

Na vida de Frei Estanislau Chosca, dominicano polonês, lê-se que um dia, quando estava rezando pelos finados, viu uma alma toda devorada pelas chamas. Compreendeu que se tratava de uma alma do purgatório que implorava sufrágios, e a interrogou se aquele fogo era mais penetrante que o nosso.

- Ai de mim! respondeu a mísera, todo o fogo da terra, comparado com o do purgatório é como um sopro de ar fresquíssimo.

- Mas, isto é impossível! exclamou o frade.

Desejaria mesmo experimentar, com a condição de que isto aproveite para me fazer descontar aqui uma parte das penas que terei de sofrer, um dia, no purgatório.

- Nenhum mortal, replicou então aquela alma, poderia suporta-lhe a mínima parte, sem morrer no mesmo instante, se Deus não o sustentasse. Se queres converter-te, estende a tua mão.

O dominicano, em vez de intimidar-se ofereceu a mão: e o defunto deixou cair sobre ela uma gota de suor.

Estanislau desmaiou no mesmo instante, soltando gritos agudos. Acudiram logo os frades assustados e o encontraram desfalecido e com a mão chagada. Levado para a cama e medicado, recobrou os sentidos; mas, não se levantou mais, sempre atormentado por terríveis dores causadas pela chaga da mão; e morreu depois de um ano, durante o qual não cessou de exortar os irmãos à penitência para evitarem os rigores da justiça divina.

*

* *

A aparição que estou para referir é narrada na vida de S. Domingos, escrita por Fernando de Castelha, e comprovada por um profundo sinal deixado numa mesa.

Em Zamora, cidade da província de Leão, na Espanha, vivia num convento de Dominicanos um bom religioso, ligado em santa amizade com um Franciscano, homem como ele, de grande virtude.

Um dia que se entretinha sobre coisas espirituais, prometeram reciprocamente que o primeiro a morrer, se Deus lhe permitisse, apareceria ao outro, para informá-lo da sorte alcançada no outro mundo. [2]

Morreu o Franciscano e, fiel à sua promessa, apareceu ao Dominicano, quando este arrumava a mesa. Depois de tê-lo cumprimentado com extraordinária benevolência disse-lhe que estava salvo, mas, tinha, outrossim, ainda muito que sofrer por algumas pequenas faltas das quais não se tinha arrependido bastante em vida. Em seguida ajuntou: -" Nada existe sobre a terra, que possa dar uma idéia das minhas penas ". E para que o Dominicano tivesse disto uma prova, estendeu a mão sobre a mesa do refeitório, deixando na madeira a queimadura como se a mão fora um ferro em brasa, tirado então da forja.

Imagine-se a comoção do Dominicano a este espetáculo!

A mesa guardou-se religiosamente em Zamora, até o fim do século XVIII, no qual as revoluções políticas a fizeram desaparecer, como a outras muitas relíquias piedosas de que era rica a Europa.

*

* *

Até agora temos falado das penas do sentido; e que dizer das penas do dano? Que dizer da privação de Deus?

A privação da vista de Deus é o que propriamente constitui o inferno. Não fazem o inferno as trevas, o mau cheiro, o alarido, o fogo; a pena que faz o inferno é a pena de ter perdido a Deus. Se Deus mostrasse a face aos condenados, eles não sentiriam mais nenhuma dor, e o inferno seria um paraíso.

Apenas a alma rompe os vínculos do corpo, sente imediatamente que foi criada para Deus e se atira a Ele como uma flecha voa para sua meta, como a agulha imantada livre do empecilho volta-se para o solo; mas, estando manchada com o pecado, será repelida e precipitada no inferno.

Um caçador fez uma vez esta experiência: amarrou o seu galgo com uma grande corrente, dentro do jardim murado, e depois soltou uma lebre. Apenas a viu, o cão avançou para adentá-la mas é impedido pela corrente. Que raiva, vê-la correr pelo jardim e não poder apanhá-la! Ladra, gane, dana-se, morde a corrente

---

[2] Julgo prudente observar que não convém fazer tais acordos; ou pelo menos é preciso consultar o confessor

para despedaçá-la, atira-se contra o animalejo que foge dum lado para outro. Fez tanto esforço que pouco depois caiu morto.

A alma tentará continuamente lançar-se para Deus, para o qual foi criada, mas o pecado é aquela corrente que não a deixará sair das chamas cruéis.

*

* *

Um virtuoso sacerdote, enquanto estava exorcizando um energúmeno, perguntou ao demônio que penas sofria no inferno. A resposta foi esta:

- Um fogo eterno, uma maldição eterna, uma raiva eterna e um desespero cruel por não poder mais ver Aquele que me criou.

- Que farias para que te fosse concedido ver a Deus?

- Para vê-lo, *mesmo por um instante*, estaria pronto a sofrer num minuto todas as penas que devo sofrer em dez mil anos... Mas, vãos desejos, hei de sofrer sempre e não O tornarei mais a ver.

E foi tal o tormento e o desespero com que pronunciou estas palavras, que deixou funda impressão naquelas que assistiam aos exorcismos.

CAPÍTULO V

EU NÃO CREIO EM NADA

- Eu não creio em nada, dizia-me duma feita um desses doutores da impiedade, com empáfia.

- Como? Vós não credes em nada? repliquei. Então não credes na existência da América, da Oceania...

- Oh! Certamente que sim; queria dizer, não creio em nenhuma coisa sobrenatural.

- Mas, porque credes na existência da América e da Oceania, que nunca vistes?

- Tem graça! Creio porque o afirmam os geógrafos e muitas pessoas que perlustraram essas regiões.

- E se credes na existência de coisas que nunca vistes, só porque o dizem os homens, porque não credes na existência do inferno, do juízo, revelada pela palavra infalível de Deus, confirmada pela razão e proclamada pela voz de todos os povos?

O livre pensador deu de ombros e não sabe responder; mas, nem por isso se converteu.

Custava-lhe tanto deixar sua vida desregrada e praticar a virtude!

Como são dignos de compaixão esses libertinos! Pretendem destruir o inferno, negando-lhe a existência; mas, quem nega uma coisa não consegue eliminá-la. Se eu negasse a existência da América ou da África, não conseguiria riscá-las da face do globo, mas subsistiriam, não obstante minha negação. Negai, negai quanto quiserdes a existência do inferno, que apesar disso o inferno continuará a existir e a queimar as suas vítimas, e um dia se abrirá para vós e vos sepultará naquelas chamas, se vos não corrigirdes de vossas desordens. A vossa fanfarrice e a vossa negação estulta não apagarão certamente aqueles ardores sempiternos, ao contrário, servirão para os aumentar e fazer-vos afundar mais naquele abismo. Quanto mais vos obstinardes na infidelidade e na negação do inferno, tanto mais acumulareis pecados e culpas para expiar na eterna prisão.

*
* *

Uma ocasião, um infeliz, a quem se meteu na cabeça que não havia mais cárcere, nem tribunal, começou a roubar e praticar iniquidades. Avisado várias vezes pelos parentes e amigos, e ameaçado de prisão, replicava sempre que não havia mais cárcere nem tribunal.

Sabeis o que aconteceu? o que já se esperava: dois policiais o prendem; é processado e condenado às galés por toda a vida.

Eis aí a história de todos os ímpios; abandonam-se aos vícios, acariciam as paixões, cometem pecados e mais pecados, dizendo que tudo acaba com a morte e, no entanto, caem no eterno abismo. E Santa Teresa viu que caíam em grande número, como flocos de neve em dias de inverno!

*
* *

Monsenhor Ségur conta um fato bastante curioso, acontecido na escola militar de S. Cícero, nos últimos anos da restauração.

O Padre Rigolote, capelão do estabelecimento, pregava um retiro espiritual aos alunos, que se reuniam por isso todas as tardes na capela, antes de subir ao dormitório. Uma das tardes, em que o bom padre falara do inferno, terminada a função, tomou a lanterna e se retirou para o seu aposento; e quando abria a porta do quarto, percebeu que o chamava alguém que o seguia pela escada. Era um velho capitão de bigode grisalho e de maneiras pouco gentis.

- Desculpe-me, Sr. Padre, lhe falou com ar de zombaria; V. R. fez-nos agora pouco um magnífico discurso sobre o inferno. Mas se esqueceu de nos dizer se lá nós seremos cozidos, assados ou fritos. Poderia dizer-me?

O capelão, percebendo que se tratava de um zoilo, fitou-o seriamente, e depois enfiando-lhe sob o nariz a lanterna que trazia, respondeu com toda a calma:

- Haveis de ver, Sr. Capitão.

Dito isto, fechou a porta; sem poder refrear o riso pela figura ridícula daquele estróina.

Não pensou mais nisso, mas daí por diante notou que o capitão fugia dele.

Entretanto, veio a revolução de julho e extintas as capelanias militares, o Arcebispo de Paris nomeou o Padre Rigolot para outro cargo, não menos importante.

Passados quase vinte anos, o venerado sacerdote entretinha-se com os amigos numa tertúlia, quando um velho de bigode, cumprimentou-o e perguntou se era o Padre Rigolot, ex-capelão da escola de S. Ciro. Obtida resposta afirmativa:

- Oh! senhor padre, diz-lhe comovido o velho militar, permita-me que lhe aperte a mão e que exprima o meu reconhecimento; o senhor me salvou.

- Eu?! de que modo?

- Oh! não me conhece mais? Não se lembra do ocorrido naquela noite, que um capitão, instrutor da escola, a propósito de seu discurso sobre o inferno, lhe fez uma pergunta estúpida e V.R., pondo-lhe a lanterna sob o nariz respondeu: -" Haveis de ver, capitão " ?

Aquele capitão sou eu; saiba que desde aquela ocasião suas palavras não me saíram da mente, como não me abandonou mais o pensamento que eu devia ir para o inferno. Lutei contra mim mesmo por dez anos; ao cabo dos quais, rendi-me a Deus, confessei-me e agora tornei-me cristão e cristão a militar, isto é, franco, sem respeito humano. A V.R. sou devedor de tanta ventura e folgo muito de poder encontrá-lo para manifestar-lhe o meu reconhecimento.

*

* *

O Padre Bach, na vida de S. Francisco de Jerônimo, narra a triste sorte duma mulher incrédula que zombava do inferno e dos novíssimos. O fato não deixava nenhuma dúvida, pois foi juridicamente provado no processo de canonização do santo, e atestado com juramento por muitas testemunhas oculares.

No ano de 1707, S. Francisco de Jerônimo pregava, como de costume, nos arrabaldes de Nápoles, falando sobre o inferno e os terríveis castigos reservados aos pecadores obstinados.

Uma mulher insolente, que morava na redondeza, aborrecida com aqueles sermões, que lhe acordavam no coração amargos remorsos, procurou molestá-lo com chascos e gritos, desde a janela de sua casa; uma vez, que o santo lhe disse:

- Ai de ti, filha, se resistes à graça! não passarão oito dias, sem que Deus te castigue.

A desaforada mulher não se perturbou por aquela ameaça e continuou com suas más intenções. Passaram-se oito dias, e o santo foi pregar de novo perto

daquela casa, mas desta vez as janelas estavam fechadas e ninguém o importunava. Os vizinhos que o ouviam consternados lhe disseram que Catarina (tal era o nome daquela péssima mulher) tinha morrido de improviso, pouco antes.

- Morreu? disse o servo de Deus; pois bem, agora nos diga de que valeu zombar do inferno; vamos perguntar-lhe.

Os ouvintes sentiram que essas palavras o santo as pronunciara com inspiração, e por isso todos esperaram um milagre. Acompanhado da multidão subiu à sala, convertida em câmara ardente, e após breve oração, descobriu o rosto da morta e:

- Catarina, gritou, dize-nos onde estás!

A esta ordem, a defunta ergue a cabeça, abre os olhos, toma cor o seu rosto, e em atitude de horrível desespero, profere com voz lúgubre estas palavras:

- No inferno! eu estou no inferno!

Imediatamente cai e volta ao estado de frio cadáver.

Eu estava presente ao fato, afirma uma das testemunhas que depuseram no tribunal apostólico, mas não saberia explicar a impressão que causou em mim e nos circunstantes; ainda hoje, passando perto daquela casa e olhando a tal janela, fico muito impressionado. Quando vejo aquela funesta moradia, parece-me ouvir a lúgubre voz: - No inferno! eu estou no inferno!

CAPÍTULO VI

NÃO VOLTOU NINGUÉM DO OUTRO MUNDO PARA NOS DIZER QUE EXISTE A ETERNIDADE

Não há tal. Se consultardes a História, vereis como freqüentes vezes Deus permitiu, em todos os tempos viesse alguém dizer-nos da existência das verdades que Ele revelou. Muito de indústria esses doutores da impiedade omitem o estudo dos fatos; e depois sentenciam do alto de suas cátedras que nunca ninguém levantou a cabeça da sepultura para nos dizer que existe algo depois da morte.

A história da Igreja na Polônia registra um fato importantíssimo, sucedido em 1070, com Santo Estanislau, bispo de Cracóvia. Trata-se duma prodigiosa ressurreição, perante muita gente, numeroso clero e magistrados.

Boleslau, rei ímpio e cruel, movera contra o santo bispo Estanislau uma feroz perseguição; entre outras coisas, acirrou de ódio contra o Bispo os herdeiros de um Pedro Miles, que tinha morrido três anos antes, deixando para a Igreja uma de suas terras. Os herdeiros, certos do apoio do rei, processaram o santo, e tendo subornado ou intimidado as testemunhas, conseguiram que Estanislau fosse condenado à restituição do terreno.

O santo, vendo que falhava a justiça dos homens, apelou confiantemente para a de Deus e conseguindo suspender a condenação, prometeu chamaria como testemunha o próprio testador que jazia havia três anos na sepultura. Com efeito, depois de três dias de jejum e orações, o santo Bispo se dirige com todo o clero à sepultura de Pedro Miles.

Aberto o túmulo, encontraram, como se previa, poucos ossos num monte de pó, e já os adversários se alegravam, certos da vitória.

Mas o santo com voz majestosa ordena ao cadáver que ressuscite, em nome d'Aquele que é ressurreição e vida; e num pronto aqueles ossos se aproximam, cobrem-se de carne, na presença de uma imensa multidão possuída de grande terror.

O bispo tomou-o pela mão e o levou diante de Boleslau para certificar a verdade da doação feita, confundindo destarte o rei e os herdeiros.

Perguntou-lhe depois se preferia voltar à sepultura ou viver ainda alguns anos na terra; ele respondeu que, conquanto pelos seus inúmeros pecados estivesse no purgatório, onde sofria muito, preferia tornar a morrer do que ficar nesta terra tão miserável em que poderia sempre correr o perigo de se condenar eternamente.

Suplicando as orações do santo bispo para se libertar logo do purgatório, foi levado processionalmente ao seu sepulcro, aí entrou e ficou no estado de antes.

*
* *

Na vida de S. Bruno, fundador dos Cartuxos, lê-se a ressurreição momentânea de uma personagem respeitável para atestar diante de muita gente a própria condenação. Paris e toda a França ficaram horrorizadas com esse acontecimento; foi, então, que Bruno temendo os juízos divinos retirou-se para a Cartuxa a fim de levar vida austeríssima.

Morreu Raimundo Diocres, doutor de Sorbona, homem conceituadíssimo pela sua vasta ciência, não menos por uma aparência de virtude. Depois de três dias, o seu corpo, revestido das insígnias doutorais, foi transportado solenemente para ser sepultado; acompanhavam-no o colégio dos professores, grande número de estudantes e teoria de clero.

As exéquias celebraram-se na catedral, revestida de luto, entre luzes e muitas inscrições que lembravam a insigne ciência e as virtudes do ilustre extinto.

Mas quando o coro dos cantores chegou àquele trecho do ofício: *Responde mihi: quantas habeo iniquitates et peccata; scélera mea et delicta ostende mihi*; onde o santo Job roga a Deus lhe faça conhecer as suas culpas, o cadáver levantou a cabeça do féretro e com voz lastimosa exclamou:

- Por justo juízo de Deus sou acusado: dito isto, tornou a repousar a cabeça, como dantes.

Apoderou-se dos assistentes um terror geral, e resolveram deixar para o outro dia os funerais. Neste dia foi muito maior a concorrência; recomeçou-se o ofício, e ao chegar as mesmas palavras, tornou o cadáver a erguer a cabeça e a exclamar com voz esforçada e mais lastimosa:

-Por justo juízo de Deus estou julgado.

Subiu de ponto o pasmo e o espanto. Resolveram diferir a inumação para o terceiro dia. Neste foi imenso o concurso; deu-se princípio ao ofício, como nos precedentes; quando se cantavam as mesmas palavras, levantou o defunto a cabeça, e em voz horrível e espantosa exclamou:

-Não careço de orações; por justo juízo de Deus estou condenado ao fogo eterno.

É fácil compreender a impressão que faria nos ânimos um acontecimento tão extraordinário. Achava-se Bruno presente a este espetáculo; tão fortemente se emocionou com ele que retirando-se horrorizado, resolveu deixar quanto tinha e enterrar-se em algum espantoso deserto para ali passar a vida entregue unicamente aos rigores da mortificação e da penitência. Parecia necessário um sucesso tão trágico para uma resolução tão generosa.

*

* *

O nosso século foi também fecundo de aparições de além-túmulo e já narramos algumas. A que vamos agora narrar com as palavras de Monsenhor Ségur, foi confirmada por um sinal deixado numa porta, sinal esse que até ora se conserva religiosamente. Quem não crê, pode ir ao lugar onde de fato se deu e interrogar as testemunhas oculares que ainda vivem. ([3])

Para que Deus na sua bondade, com o crescer da incredulidade e da libertinagem, aumenta os testemunhos das verdades terríveis do juízo e do inferno, para confirmar na fé os cristãos e preservá-los da impiedade.

A 4 de novembro de 1859, morreu de apoplexia fulminante no convento das Franciscanas de Foligno uma boa irmã, chamada Teresa Gestas, que por muitos anos fora mestra das noviças e ao mesmo tempo encarregada de superintender à pobre rouparia do convento. Nascera na Córsega em 1797 e entrara na Ordem em fevereiro de 1826; fora supérfluo dizer que estava convenientemente preparada para a morte.

---

[3] Aqui e em outros lugares o Autor fala de testemunhas ainda vivas, as quais podem ser consultadas: é bom notar que o Servo de Deus André Beltrani viveu no século XIX e o presente opúsculo foi escrito em 1897.

Doze dias depois, precisamente aos 16 de novembro, uma irmã, de nome Ana Felicidade, que a substituíra no cargo, subiu à rouparia e estava para entrar quando ouviu gemidos que pareciam vir do interior do quarto. Um tanto assustada, abriu a porta, ninguém! mas, ouviu novos gemidos e tão distintos que apesar de sua coragem comum, a irmã ficou com medo.

" Jesus! Maria! Gritou ela, que é isso? "

Não acabou de falar quando ouviu uma voz que dizia: - " Ó meu Deus, quanto sofro! "

A irmã, atônita, reconheceu a voz da irmã Teresa.

Então o quarto se encheu de fumaça densa, e a sombra de irmã Teresa apareceu em ato de se dirigir para a porta arrastando-se ao longo da parede; e chegando à porta disse:

- " Eis um sinal da misericórdia de Deus " ; e assim falando, tocou com a palma da mão a porta e a deixou impressa em traço carbonizado; e desapareceu.

Irmã Ana Felicidade, toda nervosa, morrendo de medo, começou a gritar e pedir socorro. Correu uma de suas irmãs de hábito, outra, depois toda a comunidade; fizeram-lhe roda, incomodadas, com os gritos e com o tresandar de madeira queimada. Irmã Ana contou o que tinha sucedido e mostrou na porta o terrível sinal. Elas reconheceram a forma da mão da irmã Teresa, que era bem pequena; então aterrorizadas, mais que depressa foram a igreja para rezarem pela defunta, e pela mesma intenção passaram a noite na oração e na penitência, e na manhã seguinte receberam a Comunhão.

A notícia espalhou-se fora de casa e diversas comunidades religiosas daquela cidade uniram suas orações às das Franciscanas.

No dia seguinte, 18 de novembro, irmã Ana Felicidade, entrando na cela para o repouso, ouviu que a chamavam pelo nome e reconheceu a voz de irmã Teresa; viu então aparecer um globo de luz, iluminando o quarto como se fôra meio-dia, e ouviu distintamente a voz de irmã Teresa, que jubilosa lhe falou: - " Morri numa sexta-feira, dia dedicado à paixão e numa sexta-feira vou para a glória: sede forte no levar a vossa cruz, sede corajosa no suportá-la; amai a pobreza; e com muito afeto ajuntou: - " adeus! adeus! adeus! ". Dito isto, transfigura-se em uma nuvem leve, branca, deslumbrante, alteia-se para o céu e desaparece.

O bispo de Foligno e os magistrados da cidade procederam a um inquérito canônico para averiguar o fato, e no dia 23 de novembro, na presença de muitas testemunhas, aberto o túmulo de irmã Teresa reconheceram que o sinal gravado com o fogo na porta era plenamente conforme a mão da defunta. O resultado

desse inquérito foi uma declaração oficial, a qual atestava a certeza e a autenticidade do que referimos. A porta com o sinal se conserva com veneração no convento para testemunhar a aparição.

CAPÍTULO VII

A VIDA FUTURA É UM PROGRAMA INSOLÚVEL, UM PROGRAMA TALVEZ INVENCÍVEL

São as fórmulas estereotipadas que a impiedade põe na boca dos que seguem a estrada do vício. No entanto, como se enganam! O problema da vida futura foi plenamente resolvido pela relação divina e não nos deixa a menor dúvida. Não um homem sujeito a erros, mas o mesmo Deus nos deu a conhecer o que nos espera depois da morte, Deus, a verdade por essência, que não pode enganar-se, nem enganar.

Mas, suponhamos por um instante que haja alguma dúvida, e que a existência dos eternos suplícios seja tão somente provável; eu pergunto a quem tem um pouquinho de juízo, se alguém apoiando-se num talvez, pode expor-se ao perigo de cair naquele fogo terrível. Não é verdadeira loucura arriscar a salvação eterna? Não conviria até neste caso fazer penitência para evitar o perigo provável de ser infeliz para sempre? Não seria prudente o caminho mais seguro?

Dois incruéis entraram um dia na cela dum anacoreta e vendo uns instrumentos de penitência, perguntaram-lhe porque vivia assim tão austeramente.

- Para merecer o paraíso, respondeu o anacoreta.

- Bom Padre, lhe disseram eles sorrindo, V. R. sairá logrado se depois da morte não houver mais nada.

E o santo homem olhando-os com ar de compaixão:

- Maior o logro de vossas senhorias, se depois da morte houver alguma coisa!

*

* *

Narra o Padre Schouppe, que um jovem, pertencente a uma família católica da Holanda, por causa de leituras perigosas, teve a desgraça de perder o tesouro da fé e cair em completa indiferença; pelo que seus pais, e especialmente sua mãe, mulher de grande piedade, estavam tristíssimos. Debalde lhe repetia, qual nova Mônica, as mais graves verdades da nossa fé, em vão o exortava com as lágrimas nos olhos a volta a Deus; ele se torna surdo e insensível a tudo.

Mas, só para agradar a mãe, resolveu passar uns dias numa casa religiosa para fazer retiro espiritual, ou, como ele mesmo dizia, retirar-se um pouco para fumar mais sossegado. Ouvia muito distraidamente os sermões que se faziam aos retirantes; logo depois ia fumar, pouco se importando de meditar no que ouvira.

Veio a meditação sobre o inferno, que parecia ter ele ouvido como as outras, mas voltando para a cela, enquanto fumava como de costume, surgiu-lhe na mente, mau grado seu, esta reflexão: - " Se de fato existe evidentemente será para mim... e afinal de contas, como sei que não existe? Devo confessar que não tenho nenhuma certeza a esse respeito, que para estribar as minhas idéias não tenho senão um talvez. Isso de expor-se por um talvez ao perigo de sofrer por toda a eternidade é mesmo uma extravagância sem limites; se há tais néscios, não os quero imitar. "

Dessas reflexões passa à oração; a graça penetra na sua alma, dissipam-se-lhe as dúvidas e levanta-se convertido.

CAPÍTULO VIII

SE EU FOR PARA O INFERNO NÃO ESTAREI SÓ

Não há dúvida se tivesse a desgraça de cair no inferno (que Deus tal não permita!), não ficarás sozinho. Terás a companhia de milhares e milhões de outras almas desaventuradas que trilharam o caminho do vício, terás a companhia dos perseguidores da Igreja, dos hereges, dos apóstatas, terás a companhia de Lúcifer e de uma turba imensa de demônios. Mas esta miserável sociedade diminuirá talvez o sofrimento, ou ao menos dar-te-á algum conforto? Como te enganas!

Na terra, quando somos golpeadas pela infelicidade ou pela doença, é um alívio saber que outros são visitados pela mesma desgraça: o seu exemplo nos dá força para tolerar com paciência os nossos males, e dizemos: - " Coragem! há outros mais infelizes do que eu; a cruz é a companheira inseparável da nossa peregrinação ".

Mas este alívio não terão os condenados: uns serão de tormentos aos outros, como os espinhos amontoados num grande feixe se ferem mutuamente, como os tições numa enorme fornalha se acendem e se queimam uns aos outros.

Diz S. Boaventura que os homens morreriam de medo se vissem a um condenado com toda a sua hediondez. O que não será, então, encontrarem-se juntos tantos réprobos que servirão de algozes uns aos outros!

Lá se encontrarão misturadas a impureza, a intemperança, a blasfêmia, a soberba, a injustiça e todos os pecados que são a corrupção das almas; a toda essas imundícies morais, acrescenta-se o mau cheiro e os miasmas dos corpos que

serão como cadáveres em decomposição. E se tiveres tido a desgraça de dar escândalo com o teu mau exemplo, ah! então essas almas te rodearão como fúrias para te atormentar, exprobando-te por toda a eternidade a sua condenação, da qual tu foste a causa.

" Pai desnaturado, dirá o filho, tu me deste a vida, mas em vez de me educares na virtude, me ensinaste o vício e a irreligião: sê maldito para sempre. Por tua causa sofro nestas chamas. - Filho desgraçado, dirá o pai, para te enriquecer e legar muito, traí a justiça; o amor desordenado para contigo foi a causa de minha condenação. - Companheiro traidor, dirá o amigo, tu me roubaste a inocência, ensinando-me a malícia. Se não tivesse conhecido, não estaria condenado. "

E assim dizendo se atirarão uns sobre os outros para se vingarem e desabafarem a raiva que os devora. E os demônios tomarão formas horríveis para os atormentar e não lhes darão um instante de trégua.

Eis aí para que servirá a companhia de muitos!

Se eu for para o inferno não estarei só! dizes. Então, tu crês no inferno, crês naquele fogo eterno, nos sofrimentos indizíveis, nos remorsos cruéis, naquele sempre e naquele nunca terríveis, e queres ir para lá só porque outros vão? Pode haver maior estultícia, demência mais extravagante?

Irias para a cadeia, só porque outros estão encarcerado? Queres adoecer, porque há muitos doentes? Quem fala desse modo, certamente não reflete no que diz. Condenar-se porque outros se condenam!

E então, porque não ir para o paraíso para gozar aquelas delícias inefáveis que nenhum homem jamais experimentou, para contemplar aquelas belezas que nenhum mortal jamais viu, para ouvir aquelas harmonias que nenhuma criatura jamais ouviu? Também no paraíso não estaremos sozinhos. Teremos a companhia de Deus e dos anjos, de Maria SS. e dos Santos.

Se no inferno sofrem todos os tormentos que a justiça de Deus irritada soube inventar, no paraíso gozam-se todas as delícias que a sua misericórdia pode encontrar, ou melhor, é o mesmo Deus que se manifesta aos eleitos para arrebatá-los num êxtase de louvor e admiração eterna. Mas, para ir para o céu, é preciso deixar o pecado, praticar a virtude e freqüentar os santos sacramentos.

CAPÍTULO IX

LEMBRANÇA SALUTAR DO INFERNO

O pensamento do inferno é fecundo de magnânimas resoluções. Quantos se santificaram meditando naquele terrível sempre e naquele terrível nunca! Quantos deixaram o pecado e se entregaram à virtude ouvindo um sermão sobre o inferno! A lembrança daquelas chamas eternas dava força aos mártires para suportarem os mais cruéis tormentos e caminharem alegres para a morte. Quem

pensa no inferno suportará com paciência os males deste mundo, reputando-os insignificantes em comparação com os da eternidade.

O Padre João Eusébio Nierenberg, glória da Igreja de Espanha pela doutrina, pela santidade, pela direção esclarecida de muitas almas, teve dez anos antes de morrer tantos sofrimentos e tão excessivos que passava por certo envenenado da Babilônia! Ele trilha a passos agigantados o caminho da perdição; e como é difícil deter-se e voltar atrás!

E este pecado traz muita vez consigo o sacrilégio, mormente nos jovens. Confessam-se sem dificuldade das culpas cometidas contra a obediência, a caridade as outras virtudes; mas têm vergonha de revelar ao confessor as faltas cometidas contra a bela virtude. O demônio tira-lhes a vergonha no ato de cometer o pecado e depois lhes restitui no momento da confissão. E então cometem um sacrilégio, depois outro e mais outro, até que a justiça divina cansada, abre para esses infelizes a porta do inferno.

Sirvam os seguintes exemplos para causar salutar temor e preservar-nos de impureza e de sacrilégio.

*

* *

Santo Antônio de Florença refere nos seus escritos um fato terrível, que pela metade do século XV encheu de pavor todo o norte da Itália.

Um rapaz de boa família, que na idade de 16 para 17 anos tivera a desgraça de calar na confissão um pecado mortal e de comungar nesse estado, ia adiando, de semana em semana, de um mês para outro, a confissão para ele tão penosa dos seus sacrilégios. O santo arcebispo não menciona qual fosse o pecado oculto, mas parece que tenha sido uma culpa grave contra a bela virtude. Atormentado pelos remorsos, em vez de descobrir com sinceridade a sua miserável condição, procurava a paz fazendo grandes penitências; mas inutilmente. Não agüentando mais os contínuos assaltos da consciência entrou num convento, pensando: - Lá, ao menos, confessar-me-ei bem e farei penitência dos meus pecados: por sua desgraça foi recebido como um moço de vida exemplar, pois os superiores sabiam da boa reputação de que gozava; e por isso, também aqui a voz da consciência foi subjugada pela vergonha. Adiou a confissão para outra ocasião, e dois, três anos passou-os em tal deplorável estado, sem ter a coragem de se confessar.

Afinal uma doença parecia-lhe trouxesse oportunidade: -Desta vez, dizia consigo o infeliz, manifesto tudo e faço uma confissão geral antes de morrer.

Mas também desta vez não foi sincero na acusação; fez tantos rodeios que o confessor não compreendeu nada; esperava confessar-se melhor no dia seguinte, mas surpreendido por uma crise, expirou miseravelmente nesse estado.

Na comunidade, ignorando todos o seu triste fim, cercaram de veneração o defunto; o corpo foi transportado para a igreja do convento, onde ficou exposto no côro até as matinas do dia seguinte, quando se fariam as exéquias.

Uns minutos antes da hora marcada para a cerimônia, a um dos frades que fora tocar o sino aparece o morto amarrado de correntes afogueadas com não sei que de incandescente que lhe transparecia em toda a pessoa. O frade caiu de medo, mas cravou o olhar naquela terrível aparição; então o réprobo lhe falou: - " Não rezeis por mim, que estou no inferno para sempre." E contou-lhe a lamentável história de sua maldita vergonha e dos seus sacrilégios. Depois desapareceu, deixando na igreja um odor pestífero que se espalhou por todo o convento, como para atestar a verdade do que o frade tinha visto e ouvido.

Advertidos os superiores fizeram remover de aí o cadáver, julgando-o indigno de sepultura eclesiástica.

*

* *

Narram as crônicas de S. Bento de um solitário de nome Pelágio, que encarregado pelo pai da guarda do rebanho, levava vida exemplar, tanto assim que todos lhe chamavam santo. Assim viveu muitos anos. Mortos os pais, vendeu as poucas coisas que lhe deixaram, e se retirou para o ermo.

Uma ocasião teve a desgraça de consentir num pensamento desonesto. Cometido o pecado, caiu em profunda melancolia porque não queria confessá-lo, para não perder a fama em que era tido. Resolveu fazer penitência, sem confessar o pecado, iludindo-se a si mesmo que Deus talvez lhe perdoasse sem confissão. Entrou num convento, onde foi recebido pela sua boa fama, e aí viveu austera. Chegou a hora da morte e ele se confessou pela última vez; mas como por vergonha ocultara o pecado durante a vida, assim deixou de o contar na hora da morte. Depois de receber o viático morreu e foi sepultado com o mesmo conceito de santo. Na noite seguinte o sacristão encontrou o corpo de Pelágio em cima da sepultura e o enterrou outra vez; como, porém, o encontrasse desenterrado três noites consecutivas, avisou o abade, o qual foi ao sepulcro com outros frades, e disse:

- Pelágio, disse, tu foste sempre obediente durante a vida, obedece-me também agora depois de morto; dize-me: é talvez vontade divina que o teu corpo tenha lugar reservado?

O infeliz defunto dando um formidável grito respondeu:

- Ai! eu estou condenado por um pecado que não confessei; olhe, sr. abade, para meu corpo.

E o seu corpo, nesse instante, apareceu como um ferro em brasa, que mandava chispas. Todos fugiram espavoridos; mas Pelágio chamou o abade para que lhe tirasse da boca a partícula consagrada que ainda se achava aí. Depois

disto, Pelágio disse que o tirassem da igreja e o lançassem no monturo, e a ordem foi executada.

*
* *

Conta o Padre João Batista Manni, jesuíta, que houve uma pessoa que por muitos anos calou na confissão um pecado de desonestidade.

Passaram por aquele lugar dois frades dominicanos; ela, que sempre esperava um confessor estranho, pediu a um deles que a ouvisse em confissão. Saindo da igreja, o companheiro contou ao confessor, que observara que, enquanto aquela senhora se confessava, saiam de sua boca muitas serpentes; mas, que uma enorme serpente apenas pôs fora a cabeça e entrou de novo; e então voltaram todas as outras.

O confessor, suspeitando o que isso pudesse ser, correu à casa daquela senhora; na porta lhe disseram que ela ao chegar à sala caíra morta.

Depois disto, apareceu-lhe, durante a oração, a pobre mulher vestida de fogo e disse: - Eu sou aquela mulher que me confessei contigo, cometendo um sacrilégio; eu tinha um pecado que não queria confessar aos sacerdotes da cidade; Deus mandou um confessor de fora, e foste tu, mas também nessa ocasião deixei-me vencer pela vergonha e logo a justiça divina me castigou, tirando-me a vida apenas cheguei à casa, e justamente me condenou ao inferno.

Tendo assim falado, abriu-se a terra onde se precipitou e desapareceu para sempre.

*
* *

O Padre Martinengo, no seu livro da Primeira Comunhão, conta também um fato que aqui reproduzo com as suas próprias palavras.

Numa paróquia da França celebrava-se a festa de Primeira Comunhão das crianças. Estava já o celebrante distribuindo a comunhão, quando, de repente, um menino, apenas recebeu a sagrada Partícula, caiu no chão. O socorro não se fez esperar. O menino estava frio como cadáver, sem conhecimento e sem fala. Levado nos braços para uma casa próxima e deitado numa cama, procuram reanimá-lo. Vem o médico, que tudo faz para que o menino volte a si. Debalde!

Entretanto, terminada a função, chega o padre que tanto o amava, senta-se à cabeceira, chama-o pelo nome, sacode-o até. Nenhum sinal de vida.

- Ah! coitadinho! Que teria acontecido? Estará mesmo morto? eram as perguntas que então se faziam.

Não; não tinha morrido, mas era moribundo. Depois de convenientemente medicado, o menino se mexeu, abriu os olhos e olhou estonteado os circunstantes. Momentânea alegria se difundiu no semblante de todos. O bom do

padre deu um grande suspiro de esperança e consolação, e começou a acariciar o menino e a confortá-lo com santas e afetuosas palavras.

- Filho, te sentes mal, não é? Coragem! sofre com paciência. Jesus a quem recebeste te ajudará com certeza.

Ouvindo esse nome, o menino torna-se lívido, olha assustado para o padre e prorrompe nestas palavras de desespero: - Ai de mim! cometi um sacrilégio!

Assim dizendo, vira sinistramente os olhos, cerra os dentes, range-os, e fazendo esgares volta-se para o lado da parede e expira.

*

* *

Conta o Padre Francisco Rodrigues, e o traz também Santo Afonso, um fato acontecido na Inglaterra, quando aí dominava a religião católica.

O rei Anguberto tinha uma filha que por sua airosidade fora pedida em casamento por muitos príncipes. Mas a princesa recusou terminantemente, pois fizera voto de castidade. O pai pediu para ela dispensa de Roma, mas a filha ficou firme no propósito de não se casar dizendo que não queria outro esposo senão Jesus Cristo; e ao mesmo tempo pedia ao pai a permissão de viver afastada do mundo; o pai, que a estimava muito, condescendeu dando-lhe uma casa e côrte convenientes. Começou então uma vida santa de oração, jejum e penitências; freqüentava os sacramentos e muitas vezes ia prestar serviços aos doentes dum hospital vizinho. Nesse teor de vida morreu, apesar dos seus verdes anos.

Certa vez uma senhora, que tinha sido sua criada, ouviu, durante a oração da noite, um rumor estranho e depois viu aparecer subitamente uma alma em figura de mulher, no meio do fogo e acorrentada entre muitos demônios, que se apresentou assim:

- Eu sou a infeliz filha de Anguberto.

- Como? perguntou assustada a aia; vós, condenada após uma vida tão santa?

Replicou a alma; - Fui justamente condenada por minha culpa.

- Sendo ainda criança tive a desgraça de cair num pecado desonesto. Fui confessar-me, mas a vergonha fechou-me a boca e em vez de revelar candidamente o meu pecado, eu o cobri de jeito que o confessor nada compreendeu, e cometi um sacrilégio. Depois comecei a fazer penitências, a dar esmolas, para que Deus me perdoasse, mas sem confissão. Em artigo de morte disse ao confessor que eu tinha sido uma grande pecadora. O padre ignorando o meu estado respondeu-me que devia repelir esse pensamento como uma tentação; logo depois expirei e fui condenada para sempre, às chamas do inferno.

E, dizendo isto, desapareceu, mas com tanto estrépito que parecia derrubar a casa, deixando no quarto um mau cheiro insuportável que durou por muitos dias.

*

* *

O terceiro pecado que arruína tantos cristãos é a blasfêmia. E como se tornou comum no dia de hoje!

Se um carroceiro não consegue fazer o seu animal andar vomita blasfêmia contra Deus e contra os santos. Se um comerciante vai mal nos seus negócios dirige imprecações contra os céus. Um jogador perde e então se ira fortemente contra Nosso Senhor e sua Mãe Santíssima. Não se pode sair de casa, sem que os ouvidos e o coração se firam por blasfêmias. Mas, que mal nos fez Nosso Senhor para o maldizermos? Não é Ele o nosso criador, o nosso Redentor que morreu na cruz para nos salvar, e que está pronto a derramar sobre nós as suas bênçãos celestes, se o amarmos? Por que usamos mal dessa língua que nos foi dada para cantar os seus louvores, profanando o seu santo nome?

A blasfêmia é a linguagem do inferno. Os santos padres justamente indignados pelo gravíssimo excesso que ela encerra chamam aos blasfemos demônios em carne. Ai de quem se habitua a blasfemar! Ele se encaminha a largos passos para o inferno, pois multiplica pecados sobre pecados, escândalos sobre escândalos.

Em alguns países católicos fundaram-se pias uniões que têm por escopo impedir as blasfêmias, ou, pelo menos, fazer a reparação, bendizendo o santo nome de Deus. Quando encontram algum infeliz que não sabe observar o segundo mandamento da lei de Deus, o advertem caridosamente por si ou por meio de seus conhecidos, mostram o mal que faz à própria alma, o escândalo que dá ao próximo e o castigo que o espera, se não se corrige. São admiráveis os resultados que conseguem tais pias uniões ou ligas e muito fôra para desejar que florescessem em todos os países, em todas as cidades.

*

* *

Reuniram-se alguns soldados numa taberna de Noviano, na Lorena, e depois de terem bebido demais, começaram a jogar. Um deles tendo perdido muito levantou-se raivoso da mesa e vendo por acaso numa imagem de Maria SS., pôs-se a desabafar a sua raiva vomitando as mais nefandas blasfêmias contra a Mãe de Deus.

Mas, no mesmo instante, caiu no chão, com um horrível tremor em todos os membros e com tão violentos espasmos nas vísceras que se contorcia e bramia como um leão ferido. Três dias ele passou nesse estado, sem poder engolir nem

alimentos, nem remédio para acalmar um tanto aquelas dores horríveis, até que no quarto dia, espumando de raiva e mordendo nervosamente a poeira morreu na presença de seus companheiros, estarrecidos por esse lutuoso espetáculo.

*
* *

Sabendo S. Leonardo de Porto Maurício que em Sezze, onde pregava as santas missões, estava enraizado o vício da blasfêmia começou a falar com veemência contra esse enorme pecado.

Um jovem devasso e grande blasfemo, riu-se das ameaças que Deus fazia por meio de seu ministro; aconteceu que no dia seguinte, precisamente na hora do sermão, ele passeava a cavalo pelas ruas da cidade; num dado momento levou uma forte queda e teve morte instantânea, ficando com a língua fora da boca.

Todos conheceram o fato como castigo manifesto de Deus, o que serviu para incutir no povo um grande horror à blasfêmia.

*
* *

Lê-se na Sagrada Escritura, que o soberbo e perverso Nicanor foi ferido de morte numa batalha. Judas Macabeu, vendo-o tombar, mandou que o degolassem e arrancassem a língua sacrílega que tantas blasfêmias proferira, atirou-a às aves, para incutir temor nos blasfemos.

CAPÍTULO X

TRÊS AMPLOS CAMINHOS QUE CONDUZEM AO INFERNO: A DESONESTIDADE, O SACRILÉGIO E A BLASFÊMIA.

Todos os pecados mortais são caminhos que vão dar no abismo eterno; há, porém, alguns que fazem mais estragos e causam a morte a um maior número de almas. O pecado de desonestidade é talvez o que mais povoa o inferno, porque é um pecado muito grave, fácil de cometer, pela corrupção de nossa natureza, e depois difícil de abandonar. Santo Agostinho diz que a soberba povoou o inferno de anjos e a desonestidade o enche de homens. E Santo Afonso não receia

afirmar que todos os cristãos que se condenam pela impureza, ou, pelo menos, não sem ela. Ai do jovem que chega os seus lábios a este cálice que ele os pedira a Deus para fazer com merecimento o purgatório nesta vida. No auge da dor, todo encolhido pela contração dos nervos, dizia: - " Dói muito mas não é fogo, não é fogo ". Crescia a tortura e aumentava a dor, " mas não era fogo "; à contração dos nervos juntava-se a gota, " mas ainda não era fogo ". Por estar de cama dez anos seguidos, dolorosas chagas cobriam-lhe o corpo aumentando o seu sofrimento, contudo ele repetia sempre: - " não é fogo, não é fogo, e acabará ". E, assim se animava a suportar tudo com paciência por amor de Deus.

*
* *

Um santo solitário, assaltado por violenta tentação, temendo ser vencido, acendeu o lume e para se compenetrar vivamente do pensamento do inferno, pôs os dedos na chama e os deixou queimar, dizendo de si para consigo: - Uma vez que tu queres pecar e merecer o inferno que será o castigo de teu pecado, experimenta antes se és capaz de suportar o tormento de um fogo eterno.

*
* *

Um rico dissoluto, ainda que pelos seus inúmeros pecados vivesse em contínuo temor do inferno, todavia não tinha coragem de romper com os maus hábitos e de penitenciar-se. Recorreu, pois, a Santa Ludovina que então edificava o mundo com a sua paciência e lhe pediu que fizesse penitência por ele.

- De boamente, respondeu a santa, oferecerei por vós os meus sofrimentos, com a condição, porém, que uma noite inteira vós conserveis na cama a mesma posição, sem vos moverdes de nenhum modo.

Aceitou facilmente a condição, mas passada apenas meia hora, sentiu enfado e já queria mover-se. Todavia não o fez; aumentando, porém, o mal-estar daquela posição que lhe ia parecendo insuportável, cedeu. Então uma impressão salutar se despertou no seu coração: - Se é tão molesto ficar imóvel num leito cômodo por uma noite, oh! o que não será ficar deitado num leito de fogo pelo espaço de uma eternidade? E terei ainda dúvida de me livrar desse suplício com um pouco de penitência?

*
* *

No ano 285, duas matronas cristãs, Donvina e Teonila, foram levadas ao prefeito Lisias que as intimou a renegarem a fé e abraçarem o culto dos ídolos.

Elas recusaram terminantemente. Então o prefeito mandou acender o fogo e erguer um altar dos ídolos.

- Escolhei, disse; ou queimar incenso aos nossos deuses, ou ser vós mesmas queimadas nesta fogueira.

As duas mártires responderam sem hesitar:

- Nós não tememos este fogo que daqui a pouco se apaga; tememos, sim, o fogo do inferno que não se apaga nunca. Para não cair no inferno é que detestamos os vossos ídolos e adoramos a Jesus Cristo.

E assim sofreram o martírio.

*

* *

Tomas Moore, o grande chanceler da Inglaterra, foi perseguido e ameaçado de morte por ter recusado um juramento iníquo exigido pelo ímpio rei Henrique VIII. Empregaram todos os meios para o seduzir, e, não valendo as promessas, recorreu-se à violência. Foi atirado à prisão para que definhasse. Os amigos o importunavam para ceder; a esposa o conjurava a dobrar-se à vontade do rei, e conservar assim a vida para o bem deles e dos filhos.

- Quantos anos, lhe disse ele, te parece que poderei ainda viver?

- Mais de vinte, respondeu ela.

Tornou o preso, mostrando-lhe severo semblante:

- Pois, por vinte anos e tanto queres que venda uma eternidade? Ele foi, por isso, condenado à morte. Este homem generoso, assim como tinha sabido viver entre as grandezas da corte sem fausto, soube também morrer no patíbulo sem fraqueza. Antes de ser executado rezou o Miserére, e morrendo como forte ensinou a todos que é preciso salvar a alma, a todo custo, porque perdida a alma, tudo está perdido.

*

* *

Apresentou-se uma ocasião ao Papa Bento XI o embaixador de um grande soberano, pedindo em nome do rei um favor, mas de tal natureza que não se podia conceder licitamente.

- Deus sabe, respondeu o Pontífice, como desejo ardentemente contentar o vosso imperador. E tão vivo é esse desejo, que se tivesse duas almas, sacrificaria de boamente uma para lhe conceder o favor que pede. Mas, dizei ao vosso soberano que tenho só uma alma, e absolutamente não posso, não devo, não quero perdê-la para agradar a ele.

Belas palavras, que todo cristão deveria ter sempre presentes à memória e prontas na boca para semelhantes circunstâncias!

*

* *

É célebre a invenção usada por um rei piíssimo para fazer pensar mais retamente a um cavalheiro de má vida. Convidou-o para uma soberba caçada. Imediatamente depois da caça um jogo de muitas horas. Acabando o jogo, convite para assistir a uma representação. O cortesão estava cansado; mas era convite do rei e precisava aceitar. Depois do teatro que durou quatro horas, uma embaixada anunciava uma sessão de músicos estrangeiros, e pedia ao cavalheiro que quisesse honrá-la com a sua presença. O pobre homem murmurou:- Parece que o rei quer matar-me com tanta diversão; se vier mais um convite morro de verdade.

E o quinto convite veio mesmo; no salão da corte havia um baile e aí também o rei o esperava.

- Pobre de mim! ainda um baile? não posso mais ficar em pé!

E excusou-se com o rei:

- A bondade de Vossa Majestade me confunde. Mas, por amor de Deus, um pouco de descanso: dezoito horas ininterruptas de diversão...

- E vos parece muito? replicou o rei. Não podeis então, agüentar dezoito horas de divertimento e agüentareis a longa eternidade de contínuos sofrimentos não variados, para os quais vos leva vossa vida?

*

* *

O Padre Cattaneo narra um fato para nos fazer compreender o medo que devemos ter de nossa sorte futura. E todavia de nós depende a escolha!

Maomé II, senhor dos turcos, aquele que anexou mais de duzentas cidades ao grande império de Constantinopla e invadiria a Itália se a morte lhe não frustrasse a realização dos planos, foi homem crudelíssimo e sanguinário; de uma feita, achando falta de um fruto no seu jardim, mandou reunir os criados para saber qual tinha sido o delinqüente, e porque nenhum deles ousou confessar aquele pequeno furto, mandou abrir o ventre de todos para saber onde estava o corpo de delito; e foi providência de Deus ter-se encontrado o fruto depois de mortos três servos; senão, todos os outros seriam sacrificados.

Ora, este bárbaro rei fez um parque de caça reservado para si, num lugar onde havia abundância de animais e aves; decretou pena de morte a quem ousasse caçar nesse parque.

Não obstante a proibição dois moços, seus filhos, julgando-se isentos da pena, por serem príncipes, foram caçar nesse parque. Apenas o pai soube, mandou-os prender e condenou irremissivelmente à morte, dizendo: - Aprendam os meus súditos, mesmo a preço do sangue real, a exata obediência às minhas ordens.

Ninguém se atreveu a falar ao rei para mitigar rigorosa sentença. Só o mufti chefe da religião maometana, fez ver ao pai que eles eram os únicos

herdeiros do sangue régio, e conquanto se pudesse esperar outra sucessão, todavia era incerta; pelo que, pedia em nome de todo o império que lhe desse a consolação de deixar um sucessor. A esse pedido respondeu o tirano:

- Para suceder no reino basta um; portanto, um se sacrifique para escárnio de todos e o outro se conserve para segurança da coroa. Mas qual dos dois merece graça? O mais velho? Não! O menor? Não! Tirem a sorte.

Tirou-se a sorte fatal com um majestoso e tremendo aparato. Na grande sala da corte, achava-se o rei, sentado no trono, rodeado pelos vizires, agás e paxás; diante do trono duas mesinhas, uma fúnebre com o baraço, a outra coberta com uma rica toalha, onde se viam o turbante, o colar e a espada. Um tabuleiro com os dados; aí foram conduzidos os príncipes para tirarem a sorte: quem obtivesse menor ponto cingiria a espada e o colar; quem obtivesse maior, daria o pescoço ao baraço.

Diante daquele aparato os dois jovens desmaiaram; depois, com o fritilo na mão, dirigiam tristes olhares para a corda e para a coroa; o coração de ambos batia tão forte que levantava as vestes sobre o peito, com afanosos e profundos suspiros, com ânsias de moribundos, por causa da escolha fatídica - a corda ou a coroa - que dependia de um ponto de jogo e do lançar de um dado.

Quem sente compaixão pela situação crítica em que se acharam esses pobres príncipes, dirija a compaixão sobre si mesmo, e diga: - " Na hora da morte, na mesma ou em pior situação me acharei eu. Duas infinitas eternidades terei diante de mim; numa verei cetros, coroas, riquezas, alegrias, prosperidades, tudo para sempre; noutra verei grilhões, infâmias, morte, e não passageiros, mas que duram sempre. E o que me caberá em sorte? "

De nós depende inteiramente a escolha: se vivermos bem teremos a eternidade feliz, se ao contrário, levamos vida má, caber-nos-á o fogo eterno, o desespero eterno e todas as outras penas de que já falamos.

CAPÍTULO XI

OUTRAS PROVAS DA EXISTÊNCIA DO DEMÔNIO E DO INFERNO

O espiritismo, em suas várias manifestações, é também uma prova evidente da existência do cárcere eterno. Se existe o espírito maligno e se ele se manifesta por meio de mesas que falam ou giram e por meio de outros médiuns, deve também existir o lugar de sua morada, isto é, o inferno com suas penas atrozes.

Estranha contradição! Os ímpios não prestam fé a Deus e à sua Igreja e crêem nas imposturas do demônio, pai da mentira, que os engana nas sessões espíritas; zombam do inferno e dos novíssimos e têm medo do número treze, ou do sal derramado na mesa, como de mau agouro; desprezam a Sagrada Escritura e veneram os livrecos que tratam de magia ou de sortilégio, não querem saber dos

santos ensinamentos da Igreja e dos seus ministros e vão consultar uma cartomante ou um cigano para lhes revelar o futuro ou para curá-los. Assim é: quando o homem fecha voluntariamente os olhos à verdade, abre-os ao erro e à mentira; enquanto espezinha a religião e ao seu Criador, nega o culto devido, torna-se supersticioso e presta homenagem ao diabo e às coisas intensas.

*
* *

Outra prova evidente da existência da prisão eterna e dos demônios, são as obsessões.

Satanás, em nossos dias, se incarna nos livros ímpios que ridicularizam a nossa santa religião e difamam as religiões, os padres e os bispos; nos romances que ensinam descaradamente o vício e espezinham a virtude; nas estátuas, nos monumentos e nos quadros obscenos trabalhados sob o ridículo pretexto da arte, como se a arte não devesse respeitar a honestidade dos costumes e não fosse feita para civilizar e nobilitar o homem.

As tipografias e as livrarias que publicam maus livros, a oficina dum artista que reproduz nudez na tela, no mármore, ou no papel, as reuniões tenebrosas da maçonaria, são querenças de Lúcifer.

Certos escritores e certos propagadores de doutrinas anárquicas ou socialistas ou ateus, parecem possuídos do espírito da mentira, tanta é a constância, a imprudência, a ousadia com que espalham a baba dos seus erros. A sua pena é molhada em veneno violento e torna-se na sua mão o punhal do assassino que mata a alma e o corpo dos leitores.

Mas, além dessas encarnações de Satanás nos homens ímpios que servem a sua causa e agem sob sua influência, ouve, mesmo ultimamente, verdadeiras obsessões.

Cito um fato, do qual foi testemunha uma cidade inteira, fato extraído dum opúsculo do advogado Felix Sonelli; [4] quem não crê pode ir interrogar as testemunhas oculares.

Teresa Strigini nasceu em Briga, vilório de Novara, Itália, aos 20 de maio de 1832, e a certa idade começou apresentar sinais de obsessão diabólica. Fechada em casa, desaparecia e depois de muito tempo voltava e entrava sem abrir a porta.

Passava dias sem tomar alimento ou bebida e via o que acontecia em lugares distantes; seu rosto tomava formas horríveis a ponto de amedrontar os mais corajosos. Rumores misteriosos se ouviam em seu quarto; e muita vez toda a casa era sacudida como por um terremoto, derrubando as mobílias como se fossem palhas.

---

[4] Teresa Strigini ou " A famosa endemoninhada de Briga Novarense, publicada em Milão, em 1877 " .

A coitadinha ora parecia agonizante e prestes a exalar o último respiro; ora, tinha tanta força que ninguém a dominava e até punha em fuga homens robustos que acorriam para refrear-lhe a veneta, ou socorrê-la nas freqüentes convulsões de que era tomada. Apesar de analfabeta, e sem nenhuma instrução, compreendia línguas desconhecidas e demonstrava saber extraordinário.

Os exorcismos produziam nela grande efeito e via-se claramente que o demônio sentia o poder que Deus concedeu à sua Igreja. Quando os parentes e os vizinhos não sabiam o que inventar para acalma-lá, chamavam o pároco para que ordenasse a Satanás com as fórmulas do Ritual que deixasse em paz a infeliz moça.

Sentia também a influência e, às vezes, terror das coisas benzidas, terços, imagens, medalhas, água benta, como se fosse tocada por um ferro em brasa.

Um dia o sacerdote a interrogou:

- Quem és tu? és um demônio?
- Não, respondeu com voz terrível.
- Em nome de Deus, quem és?
- Um demônio.
- És um daqueles soberbos precipitados do céu?
- Sim.
- Não é verdade, que apesar de tua arrogância sofres também aqui as penas do inferno?
- Sim.

Outras vezes respondia que era uma legião. E na verdade, os fenômenos extraordinários que sucediam em sua pessoa, no quarto, na casa, mostravam que devia haver mesmo uma multidão de demônios.

Alguns libertinos que zombavam do inferno e dos demônios foram examinar o fato e o sarcasmo morreu-lhes nos lábios. Alguns até foram horrivelmente maltratados e outros ficaram gelados de medo quando viram pintado naquela rosto o desespero dos réprobos.

Repito: Quem não quiser acreditar, consulte as testemunhas oculares. Mas, vêde a estultícia: os ímpios não querem averiguar os fatos e continuam a escarnecer os dogmas da fé, até que, vindo a morte, as chamas devoradoras do inferno os convencem da existência de um Deus que castiga o pecado e a iniquidade.

*

* *

Na vida de S. João Maria Vianney, mais conhecido pela expressiva alcunha de Santo Cura d'Ars, lê-se a luta terrível que deveu sustentar contra Satanás, furioso por causa das inúmeras almas que o santo sacerdote arrancava da eterna perdição.

A povoação de Ars foi testemunha do ocorrido e vivem ainda muitas pessoas que poderiam confirmar o que relatamos.

O demônio lhe aparecia sob formas horríveis para perturbar-lhe o breve repouso que tomava num pobre catre. Às vezes a casa parecia invadida por uma turba de leões, tigres e serpentes e pelos quartos e corredores ressoavam rugidos, assobios e urros; outras vezes aparecia no meio das chamas; corriam os paroquianos para salvar do incêndio o seu querido pastor, mas o fogo de súbito se apagava. Os mais robustos e os mais corajosos experimentam dormir na casa paroquial, mas de noite fugiam de medo, enquanto o santo sacerdote, bem sabendo que o demônio não pode fazer nenhum mal sem a permissão do céu, descansava tranqüilo sob as asas da proteção divina.

Quando operava uma conversão prodigiosa, a raiva da antiga serpente não tinha limites e redobrava os esforços para vingar-se da presa perdida.

Uma noite o demônio ateou fogo no seu pobre leito, outra vez o atirou no chão com violência, sem porém o machucar, e muitas vezes o chamava com voz rouca, reprovando a guerra que lhe movia.

*
* *

Na vida de S. José Cottolengo se encontra também a aparição do nosso eterno inimigo e vivem ainda muitas testemunhas. Geralmente todos os santos tiveram lutas corporais e visíveis contra o príncipe das trevas, pelo zelo que mostraram na salvação do próximo e pelas vitórias que alcançaram contra o mundo, a carne e o inferno.

Portanto, veio alguém do outro mundo a provar-nos a existência das verdades eternas: veio até o chefe dos anjos rebeldes.

*
* *

Na história de S. João Batista de La Salle, benemérito fundador desses anjos da juventude que se chamam Irmãos das Escolas Cristãs, narra-se que um cavalheiro de nobre família levava vida mundana, pouco se lhe dando da salvação da alma.

Alistou-se no exército, onde subiu facilmente de posto e obteve condecorações pelo seu valor. Duma feita, foi ferido num combate; curaram-no remédios secretos, com auxílio diabólico. Entrando uma vez numa igreja no momento preciso em que se exorcizava um possesso, por curiosidade e para

zombar da credulidade das pessoas presentes, inesperadamente o demônio lhe dirigiu a palavra e disse:

- Tu não crês no inferno e no demônio! Infeliz! sentirás um dia o seu poder.

Assustado por essas ameaças e por ver que o espírito infernal tinha penetrado seus íntimos pensamentos, que ele não revelara, caiu em si, voltou crente e decidido a abandonar o mundo para ingressar no Instituto de São João de La Salle e fazer penitência.

Naquele santo retiro o esperava Satã.

Abriram-se-lhe de novo as feridas, foi tomado de dores atrozes e misteriosas, de frenesi e convulsões horríveis, de jeito que nenhuma força humana podia contê-lo. A comunidade vivia em sobressaltos. O Santo notou no infeliz os sinais de obsessão; e exorcizando-o, intimou ao espírito das trevas que saísse daquele corpo. O demônio ouviu a voz potente do ministro de Deus e escabujando e urrando, abandonou o infeliz cavalheiro.

Na vida do mesmo Santo se encontra o seguinte fato. Vivia em Ruão uma senhora de nome Maillefer, toda entregue às vaidades e aos prazeres do mundo, sem mesmo pensar nos seus deveres de cristã. Gastava suas grandes riquezas em vestidos, banquetes e teatros, caminhando a passos ligeiros pela estrada da perdição.

Aprouve, porém, à bondade divina detê-la à beira do abismo e fazê-la instrumento das suas misericórdias.

Um dia, bateu à porta do palácio um pobre, doente e faminto.

Os criados, embora conhecessem o coração duro da ama, deixaram-no entrar; julgando que o seu mísero estado a movesse à compaixão. Assim não foi, porém! A cruel senhora o expulsou de casa, com asco, atirando-lhe em rosto estas palavras: - Poltrão, vai trabalhar.

O mendigo abaixou a cabeça e saiu cambaleando de fome e de fraqueza. À porta, deu com o cocheiro, que sentiu doer-lhe o coração à vista de seus padecimentos e levando-o à estrebaria, o socorreu como pôde. Mas o novo Lázaro morreu durante a noite, e na manhã seguinte os criados encontraram o frio cadáver, em cujo semblante se percebiam as angústias e as dores que padecera nos últimos momentos. A ama tendo notícia do acontecido exasperou-se, despediu logo o compassivo cocheiro e atirou aos criados o primeiro lençol encontrado para que amortalhassem o defunto e sem mais o sepultassem.

Passou o resto do dia debaixo duma triste impressão, humilhada pela crueldade e pelo que correria a seu respeito na cidade.

Qual não foi a sua admiração quando, pondo-se à mesa, encontrou dobrado em sua cadeira o lençol que tinha dado pela manhã. Julgou, de princípio, que não fora obedecida e ameaçou despedir os criados; mas estes asseguraram que tinham executado a ordem recebida e que eles mesmos depuseram na sepultura o cadáver amortalhado com aquele lençol.

Que mão misteriosa teria colocado aí o véu fúnebre? É claro: o defunto recusou depois da morte uma esmola daquela que lhe negou barbaramente em vida um auxílio, e Deus tal permitiu para comover a infeliz pecadora. Realmente, ela compreendeu a lição, mudou de vida, penitenciou-se e expirou placidamente no ósculo do Senhor, cheia de confiança na misericórdia divina que acolhe um coração contrito e humilhado.

*

* *

S. Felipe Neri ressuscitou momentaneamente um menino para dar-lhe aso de se confessar.

Ele amava ternamente Paulo Máximo, filho do príncipe romano Fabrício Máximo. O menino tinha 14 anos quando adoeceu gravemente; o santo tendo revelação de sua morte próxima, pediu à família que o chamasse à cabeceira do menino quando estivesse no extremo da vida, porque desejava confortá-lo e prepará-lo para a luta suprema.

A doença se agravou e o pai mandou chamar a S. Felipe para que corresse a abençoar o seu filho espiritual. Como, porém, estivesse celebrando a Santa Missa, a criada deu o recado a um dos Padres do Oratório.

Nesse ínterim o menino morreu e o santo, quando chegou ao palácio, encontrou o cadáver. Ajoelhou-se ao pé da cama e rogou com devoção por um quarto de hora, depois aspergiu o resto do menino com água benta, deitando-lhe umas gotas na boca. Soprou-lhe o rosto, colocou-lhe a mão na fronte, chamando duas vezes em voz alta e sonora: - Paulo! Paulo!

O morto acorda como de um profundo sono, abre os olhos e exclama: - Padre, Padre, tenho um pecado e quero confessá-lo.

S. Felipe pede aos presentes que se retirem, dá ao menino um crucifixo e ouve a sua confissão; terminada a qual, chama os parentes e põe-se a falar sobre o paraíso e a felicidade dos eleitos; o menino se entretém em santa conversação, como quando gozava perfeita saúde; após meia hora, o santo perguntou-lhe se desejava ir para o céu, e tendo obtido resposta afirmativa, disse: - Vai, sê feliz e roga a Deus por mim.

E Paulo com rosto plácido, sem nenhum movimento, torna a morrer docemente nos braços do santo. Estavam presentes àquela cena, entre outras pessoas, o pai, duas irmãs e a criada.

O quarto foi convertido em capela e é visitado ainda hoje com veneração e os romanos chamam o palácio Máximo " a casa do milagre ".

Todo ano, depois de três séculos, a família Máximo comemora o prodigioso acontecimento.

CAPÍTULO XII

O INFERNO É INVENÇÃO DOS PADRES

Nada mais falso. O inferno já existia antes que existissem os padres e mesmo antes do primeiro homem, tendo sido criado pela eterna justiça para os anjos rebeldes. Os sacerdotes outra coisa não fazem senão pregar uma verdade terrível, ensinada por Deus na Sagrada Escritura e que se acha em todas as religiões dos vários povos que passaram pela terra.

Perlustrai o mundo, do álgido polo ao ardente equador, do oceano Atlântico ao Pacífico; entrai nas florestas dos selvagens, interrogai as tribos bárbaras e haveis de ver que todos admitem depois da morte um lugar de castigo. Não estão de acordo sobre a natureza dos sofrimentos; mas todos concordam em acreditar na existência do inferno.

Os gregos tinham o seu tártaro, no qual punham penas horríveis para os maus. Os romanos chamavam inferno ou arco e Virgílio na Eneida descreve com cores bem vivas os tormentos dos condenados, dizendo-os eternos. Os egípcios criam firmemente na vida futura e no prêmio ou castigo eterno, e dos mortos faziam um julgamento para ver se eram dignos da sepultura e das honras fúnebres. Os hindus chamam o lugar dos réprobos Patalán e nos livros sagrados dos Vedas se encontra uma longa descrição dos atrozes tormentos a que serão submetidos os condenados. Os escandinavos e outros povos setentrionais lêem no Edda a existência do cárcere infernal. Os hebreus o denominavam scheol ou geena, e o santo profeta Daniel, tomado de espanto ao meditar naquelas chamas terríveis, rogava a Deus que o livrasse do profundo abismo e não permitisse fechar-se sobre sua cabeça aquele poço de fogo.

Os Missionários Salesianos encontraram esta crença nas pampas da Patagônia e nas florestas da Terra do Fogo; e aqueles selvagens falavam com pavor do castigo que receberão os maus. Maomé, o mais solene impostor da História, gastou muitas laudas do Corão para descrever o lugar dos tormentos acumulando todas as penas que uma fantasia oriental pode imaginar. Zoroastro imprimiu também nos persas uma idéia terrível da punição de além tumba.

Deixo de citar outros povos, porque, do contrário, não acabaria mais.

Os padres, portanto, não inventaram esta crença, mas acharam-na bem impressa em todos os povos e a encontram ainda agora esculpida no fundo da consciência humana, a qual brada que o pecado não passará sem castigo, como a virtude não ficará sem prêmio.

Outra extravagância que os " espíritos fortes " vão assoalhando é esta: " o inferno é coisa da Idade Média ".

Só mesmo quem perdeu o juízo fala desse modo. O que era verdade na Idade Média o é também hoje e o será sempre, porque o tempo não pode destruir a verdade. Os séculos não conseguem apagar aquelas chamas vorazes,

alimentadas, pela divina justiça e nas portas tenebrosas daquele cárcere continuarão as terríveis palavras: sempre, nunca.

Deus tratará os homens do século XIX como os da Idade Média, premiando os bons com o paraíso e castigando os maus com o fogo. A justiça eterna é invariável e incorruptível e não muda com o correr dos tempos e das opiniões do mundo.

Ouvindo falar a certas pessoas, parece que hoje em dia foram abolidos os mandamentos de Deus e da Igreja, foram suprimidos os deveres religiosos, soltou-se o freio às paixões e ao homem foi dada plena liberdade de viver segundo os seus caprichos. Ilusões estultas, que se pagam depois com uma eternidade infeliz! As leis de Deus e da Igreja estão sempre em vigor, e todo cristão é obrigado a observá-las se quiser ter uma sentença favorável no grande dia do juízo.

Os heróis dos bares e clubes, quando se vêem apertados de toda a parte por argumentos fortes e não podem mais negar a existência do inferno, saem-se com um dislate sem igual: " O homem acostuma com tudo. Eu me acostumarei no inferno. "

Falam assim para não se darem por vencidos e não abandonar a vida dissoluta. Propriamente não têm dificuldade em admitir o cárcere eterno, porque a razão prega a existência dele; o difícil e o repugnante para eles é corrigirem os costumes, praticarem o bem, abandonarem os maus hábitos e viverem como bons cristãos. E em vez de fazerem violência sobre si mesmos, preferem perder-se para sempre.

De resto, se não são capazes de habituar-se a vencer as próprias paixões, como se acostumarão com aquelas penas cruciantes? Quem, jamais, pode acostumar-se com a dor que é contrária à natureza? Fomos feito para a felicidade e o coração foge sempre da desventura e é impossível que se dê bem nos sofrimentos. E os santos respondem que os tormentos se sucedem aos tormentos; e do mesmo modo que os bem-aventurados compreensores experimentarão sempre novos gáudios, os infelizes condenados sentirão sempre novos e mais terríveis tormentos.

*

* *

Divulgou-se o provérbio que " o demo não é tão feio como o pintam ", e costumam citá-lo para demonstrar que a fama e a opinião popular muitas vezes são superiores à realidade das coisas, porque a fantasia sói exagerar as dificuldades e as penas.

Mas, se aplicamos ao inferno esse adágio andamos bem errados. Por mais que procuremos calcar as cores e as tintas pintando as penas do demônio e dos réprobos, estaremos sempre aquém da realidade e não chegaremos nunca a exagerar. Um cadáver em decomposição não nos dá nem idéia de como

satanás é sórdido é horrível; e uma santa afirmou que, se ele saísse da sua prisão tal qual é, faria morrer pela sua hediondez todos os homens e animais.

No opúsculo citado da possessa de Briga lê-se que muitas vezes quando invadida pelo demônio tinha o aspecto tão medonho que punha toda a população em polvorosa. Dado o sinal de alarme, todos corriam para a igreja para implorar misericórdia de Nosso Senhor.

Eis as palavras textuais. " A filha tornou-se furiosa e ameaçadora. Horrível à vista, cabeleira desgrenhada e hirta como um penacho, olhos de fogo, assobios nunca ouvidos e incessantes, hálito quentíssimo, contrações de nervos, engrossamento muscular de fazer medo, sem um membro que ficasse calmo. Nenhuma força era capaz de a dominar. Os mais robustos são juncos flexíveis. Acorrem outros e o quarto fica cheio de homens fortes e corajosos. Sete deles seguram-na ao mesmo tempo nos pés, no pescoço, nos braços e na cintura; mas não resistem, porque à guisa de turbilhão impetuoso vence a todos e os põe em fuga ".

Então o povo corre ao pároco para que a exorcizem.

" Não há palavras suficientes para dar uma idéia do que viu e o medo que teve entrando naquela casa. Todavia, confiando em Nosso Senhor, a quem sempre tinha eficazmente invocado, entra e ordena: - " Olá! Satanás, pára em nome de Deus ". A essas palavras, Teresa como fulminada cai no leito ".

Na manhã de onze de maio de 1849, desapareceu improvisamente de casa e durante todo o dia ouviram-se pelos ares lamentos, gritos, rumores misteriosos. O povo pensando que aquilo fosse o fim do mundo se recolheu na igreja para rezar.

À tarde, durante a Bênção do Santíssimo Sacramento, ouviu-se, sob um céu sereno e estrelado, estrépito medonho como de um furacão que se aproximava. A povoação se alarma; e com gritos prolongados e suspiros dolorosos; e finalmente distingue-se a voz da moça possessa no teto de uma casa. À meia-noite pede auxílio para descer; e um destemido sobe uma escada e a desce, sem a menor dificuldade, como se fosse um feixe de palha. Estava fria petrificada, descalça, e tinha um bastãozinho na mão. Homens fortes experimentaram tirar-lhe o bastão, mas não o conseguiram, como se fosse de ferro os seus braços.

" Se, além disso, observas o seu rosto, és obrigado a desviar o seu olhar; é o mesmo que ver um espectro, isto é, o demônio em forma humana. De qualquer lado que se a observes ficas horrorizado; parece mesmo satanás, horrível, ameaçador, feral. O olho, principalmente, sangüíneo e irrequieto, sob imóvel e entreaberta pupila fere de modo cruel. O inferno nela se esconde ".

Deitada no chão, ninguém mais ousava aproximar-se-lhe, quando, após incessantes pedidos dos parentes, quatro dos homens mais fortes a suspendem e a levam, como um tronco, para a casa, onde o pároco exorcizando-a, fá-la voltar a si e largar o bastão não sem grande resistência e agitações do demônio.

*

* *

Todos esses fatos que narramos confirmam o dogma terrível revelado por Deus da existência do inferno; e eu faço os melhores votos para que os meus leitores o evitem e mereçam o Paraíso para o qual o Senhor nos criou.

A. M. D. G.
B.

Imprimatur

Por comissão especial do Exmo. e Revmo. Snr. Bispo de Niterói D. José Pereira Alves.

Niterói, 1º de Janeiro de 1945.

Pe. Francisco X. Lanna, SS.